

PERIÓDICO ELETRÔNICO

GEOBAOBÁS

REALTÓRIO DE PESQUISA: RETRATOS DA ÁFRICA "UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA"

DOI: <https://doi.org/10.26512/geobaobas.v1i1.4277>



GEOBAOBÁS

PERIÓDICO
ELETRÔNICO



PERIÓDICO ELETRÔNICO - GEOBAOBÁS
VOLUME 1. ANO I NÚMERO 01 (2017)
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL - BRASIL
ISSN : 2595-7988



RELATÓRIO DE PESQUISA: RETRATO DA ÁFRICA”UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA”

Autor do Projeto de Pesquisa
Geog. Rafael Sanzio A. dos Anjos

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
CONSELHO NAC. DE DESENV. CIENTÍFICO
E TECNOLÓGICO - CNPq
BRASÍLIA - DF- 1989

p. 01-72

Como citar este artigo:

ANJOS, R.

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. *RELATÓRIO DE PESQUISA:
RETRATO DA ÁFRICA”UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA”*
Periodico Eletrônica: Geobaobás, v.1, n.1 (2017), p. 1 - 72
ISSN: 2595-7988

Disponível em:

<http://pendente..>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons .
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.



Foto: Prof. Rafael Sanzio dos Anjos. Detalhe parede de adobe . Pirenópolis – Goiás, 2015.

APRESENTAÇÃO 1

Planejar e concretizar as demandas e atividades do **Projeto Geografia Afrobrasileira: Educação & Planejamento do Território (Projeto GEOAFRO)**, tem sido um permanente desafio acadêmico e junto aos distintos seguimentos envolvidos. Neste sentido, cada produto realizado é uma oportunidade para fortalecer os objetivos propostos e agregar parcerias e um maior alcance no setor decisório e junto a sociedade civil. O Periódico GEOBAOBÁS, colocada no ciberespaço nesta oportunidade, é mais um sonho realizado onde trabalhos de grande relevância produzidos ao longo das dinâmicas do Projeto GEOAFRO e seus parceiros poderão ser divulgados, sempre que possível, com as suas características originais.
Um abraço grande a todos e todas!

Brasília-Brasil, setembro, 2017

Presentation 1

*Plan and achieve the demands and activities of the **Geography AfroBrazilian Project: Education and Territorial Planning (Project GEOAFRO)**, have been a constant academic challenge, together with the different engaged follow-ups. That way, each performed project is an opportunity to reinforce the proposed goals, added partnerships and a bigger reach in the decisive sector and the civil society. The GEOBAOBÁS Journal, placed in cyberspace in that opportunity, is one more fulfilled dream, where the works of great importance produced over the dynamics of the Project GEOAFRO and their partners could be revealed, wherever possible, with their original characteristics.*
A big hug to everyone!

Brasília- Brazil, September 2017



PROJETO RETRATOS DA ÁFRICA “UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA”



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
CONSELHO NAC. DE DESENV. CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq
BRASÍLIA - DF - 1989.

O PROJETO

O centenário da sanção da Lei Áurea, pelo regime imperial brasileiro, ocorrido o ano passado vem suscitando uma significativa revisão historiográfica e das idéias nos meios acadêmicos, especialmente nas áreas de História e Educação, e na ação político-cultural das entidades negras, que tentam resgatar sua identidade e construir sua memória.

Entre os principais entraves ao desempenho do negro na sociedade, destaca-se a inferiorização deste na escola. O sistema escolar tem sido estruturado para a perpetuação de uma ideologia sócio-político-econômica, que junto com os meios de comunicação social, mantém uma estrutura classista, transmissora de valores e individualista. Primeiro, são os livros didáticos que ignoram o negro como agente ativo da história, em segundo, a escola tem funcionado como uma espécie de segregadora informal. A ideologia subjacente a esta prática de ocultação e distorção do negro e seus valores, tem como objetivo não oferecer modelos relevantes que ajudem a construir uma autoimagem positiva, nem referência a sua verdadeira história aqui e sobretudo, na África.

O território africano, componente fundamental para uma compreensão mais apurada das questões que envolvem o papel do negro na sociedade brasileira, não pode deixar de ser entendido como um espaço produzido pelas relações sociais ao longo de sua evolução histórica, suas desigualdades, contradições e a apropriação que estas e outras sociedades fizeram, e ainda o fazem, dos recursos da natureza. Não podemos perder de vista que a África foi marcada por vários séculos de opressão, presenciando gerações de exploradores, de traficantes de escravos, de missionários, de sábios de toda ordem, que acabaram por fixar uma imagem hostil dos trópicos, cheios de forças naturais adversas ao colonizador europeu e de homens ditos indolentes. Esta imagem que foi sendo ampliada não considerava os processos históricos como fatores modeladores da organização social, mesmo diante dos elementos da natureza. Neste contexto, não é de causar espanto o lugar insignificante e secundário que foi dedicado à historiografia africana em todas as histórias da humanidade.

Reconhecendo que existe esse profundo vínculo entre o cenário geográfico e os eventos históricos que nele se desenvolveram e lhe sentiram a influência, o Projeto: Retratos da África – “Uma Abordagem Cartográfica”, buscou desenvolver um diálogo mais amplo entre a Geografia, a História e a Antropologia da África, através da “linguagem gráfica” expressa em um conjunto de mapas temáticos, elaborados a partir do levantamento, análise e interpretação de dados secundários e de um processo sistemático de mapeamento, exercitando, dessa forma, a interdisciplinaridade e minorando a compartimentação do saber imposto pelos currículos tradicionais.

Com essa abordagem, o Projeto tratou a compreensão do espaço africano como um espaço produzido pelos grupos humanos, que estão em contato permanente com dois tipos de forças, as históricas e as naturais. Neste sentido, a historiografia africana que tem sido demasiadamente mascarada, desfigurada e sobretudo, mutilada, necessita passar por um processo de desmitificação mais sistemático, como meio fundamental para minorar a persistência da discriminação do negro em nossa sociedade.

Apesar de algumas imperfeições, a “mostra” apresentada aqui é o fim de uma fase. Para que o processo possa continuar, espero que todos os companheiros que tiverem a paciência de fazer uma leitura desses documentos cartográficos, nos abram as portas de suas críticas.

A CARTOGRAFIA ADOTADA

A atividade de mapeamento, por mais simples e direta que seja, constituiu várias transformações da realidade, no que diz respeito à escala (quantas vezes o território representado foi reduzido), projeção (transposição de superfícies que na realidade são curvas para o plano), seletividade da informação (um mapa não fornece nem representa todos os aspectos do espaço geográfico) e à simbologia (representação gráfica das manifestações físicas e culturais construídas no espaço geográfico). Estas transformações gráficas do espaço que não se limitam somente aos aspectos visíveis da paisagem – entendida aqui como as manifestações construídas pela dinâmica da sociedade –, continuam sendo o eixo das preocupações estruturais da Cartografia, sobretudo o sistema simbólico utilizado para comunicar a informação geográfica.

Apesar de ser a confecção dos mapas uma prática antiga e altamente especializada, o estudo dos mapas e de outras construções gráficas para o armazenamento de informação, por muito tempo, limitaram-se a enunciar que as representações cartográficas são expressões de uma linguagem. A Geografia, principalmente, não analisou durante muito tempo em que aspectos as representações gráficas refletiam o espaço real dinâmico e histórico, nem criaram regras para relacioná-lo com o sistema de simbologia que estava sendo usado. Atualmente as representações gráficas estão passando por uma importante renovação na sua solução, através das pesquisas na área da Semiologia Gráfica proposta inicialmente na França. O Prof. Jacques Bertin, que dirigiu trabalhos nesta área, desenvolveu pesquisas que possibilitaram que as representações gráficas se tornassem um instrumento analítico e de tratamento de informação. Este, parte do princípio de que um mapa não se desenha simplesmente, mas ele é construído e reconstruído, regido pela linguagem visual, usufruindo do grande potencial de percepção do olho humano (a retina), procurando demonstrar que as representações gráficas fazem parte de um sistema de símbolos, organizados para armazenar e comunicar aspectos do espaço geográfico necessários e possíveis de serem mensurados.

A Cartografia adotada no Projeto é utilizada como um instrumento gráfico de tratamento e reconstituição de informação, simplificando os mapas complexos, obedecendo a um processo de construção, até que sejam reveladas as relações existentes entre os elementos básicos que possam definir um perfil mais original da historiografia contemporânea da África. Assim a imagem cartográfica tem um relevante papel no estímulo à observação e interpretação das relações e configurações do espaço africano, no passado e no presente, de forma a conduzir para uma compreensão mais rápida e substancial. Não podemos perder de vista que a massificação e alienação da sociedade atual é um problema não somente de conteúdos, mas tam-

bém de percepção das formas. Os símbolos e composições gráficas usados pelos meios de comunicação social para transmitir conteúdos, sobretudo os voltados para educação, têm sido demasiadamente atrativos, impactuantes e segregadores. Dessa forma, a metodologia utilizada na elaboração dos documentos cartográficos apresentados nesta “mostra” que tem a África como “pano de fundo”, leva em consideração os princípios da Semiologia Gráfica e contribuições de outras técnicas de representação gráfica, sem esquecer que o produto será mais eficaz na medida em que exigir um menor esforço mental para o entendimento da mensagem.

A ESTRUTURA TEMÁTICA DO TRABALHO

Enquanto as sociedades africanas foram se modificando ao longo dos tempos, criando novas e mais complexas formas de sobrevivência, produzindo e reproduzindo sua existência por intermédio do processo de trabalho, novos espaços foram sendo construídos. Dessa forma, o espaço africano confunde-se com o tempo como produto histórico, evidenciando-se a íntima relação do espaço geográfico com os eventos da História.

A estrutura temática do trabalho buscou obedecer a uma certa ordem cronológica, com o cuidado de questionar uma concepção linear e restritiva dos fenômeno e fatos da historiografia africana, estabelecendo um espectro temático no conjunto dos mapas que abordasse aspectos relevantes anteriores à Pré-história africana, estendendo-se até as suas manifestações mais contemporâneas, conforme itens abaixo:

- O quadro ambiental do passado e a Pré-história;
- O quadro ambiental recente e a História que antecede os “grandes descobrimentos”;
- O tráfico negreiro e a Colonização;
- O Imperialismo e a Descolonização;
- A África contemporânea.

Todos esses assuntos estão abordados de alguma forma no conjunto dos mapas, com a preocupação, sempre que possível, de manter um diálogo entre estes. A amplitude das questões que conformam o universo temático do trabalho e a escala adotada nas construções, fizeram com que os temas fossem tratados, na sua maioria, de maneira ampla, restringindo-se o seu nível de detalhe, mas atendendo aos propósitos principais do Projeto, ou seja, trazer à luz uma África como entidade histórica, enfocando as questões fundamentais que a acometem hoje, assim como fenômenos que aí se revelaram, resultantes de um conjunto de forças impulsionadas pela História e pela Geografia.

Os propósitos desse trabalho visam não só demonstrar a eficiência dos métodos gráficos como instrumento tanto de pesquisa como de comunicação, mas principalmente juntar-se ao esforço de inúmeros pesquisadores que tentam contribuir para a discussão de uma política educacional no Brasil, onde a questão racial seja tratada com mais seriedade e possibilitar, também, uma melhor compreensão de alguns processos históricos e geopolíticos que contribuíram para a formação do povo brasileiro.

PROMOÇÃO:

- Dept^o de Geografia

ORGANIZAÇÃO:

- Prof. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos – GEA/UnB
- Prof^a Heloisa Pauli Possas – NEIA/UnB

APOIO:

- Decanato de Extensão/UnB
- Biblioteca Central/UnB
- Editora Universidade de Brasília

AGRADECIMENTO:

Aos companheiros que ajudaram a pensar e a concretizar este projeto, especialmente aos professores da disciplina “Introdução aos Estudos Africanos” da rede estadual de ensino da cidade de Salvador-BA, ao pessoal da UnB pelos espaços concedidos, ao CNPq pelos recursos financeiros, sem os quais este trabalho não se realizaria e a minha companheira e geógrafa Heloisa Possas pelas relevantes sugestões.

LISTA DAS PEÇAS GRÁFICAS

<u>Título</u>	<u>PÁGINA</u>
- As variáveis da retina (fig. 01)	06
- Deriva dos continentes	11
- Justaposição das províncias geocronológicas antigas entre a África e a América do Sul	12
- Aspectos da África durante o período das antigas glaciações do quaternário	12
- África - vida humana primitiva	14
- África - quadro morfológico atual	17
- África - domínios climáticos em relação com a vegetação	18
- África - precipitação anual (m m)	18
- África - expansão das línguas bantus	20
- África - organização territorial dos principais grupos humanos no Século XV	22
- África - principais estados e formações políticas até o Século XVIII	23
- África - expansão marítima portuguesa	26
- Comércio Negreiro - principais rotas e articulações econômicas. Séculos XVI-XVII-XVIII	26
- África - extensão territorial dos tratados de esca- vos e suas principais rotas internas. Séculos XV a XVIII	29
- Tráfico Negreiro - nº de escravos transportados para a América: 1450-1600 (estimativa)	30
- Tráfico Negreiro - nº de escravos transportados para a América: 1600-1700 (estimativa)	30
- Tráfico Negreiro - nº de escravos transportados para a América: 1700-1800 (estimativa)	31
- Tráfico de escravos para o Brasil - Referências ter- ritoriais de origem. Cíclo da Guiné - Séc. XVI	32

- Tráfico de escravos para o Brasil - Referências ter- ritoriais de origem. Cíclo do Congo e Angola. Séc. XVII ...	32
- Tráfico de escravos para o Brasil - Referências ter- ritoriais de origem. Cíclo da Costa da Mina. Séc. XVIII ...	32
- Tráfico de escravos para o Brasil - Referências ter- ritoriais de origem. Última fase. Séc. XIX	32
- África - principais rotas internas dos exploradores europeus	36
- África - estados africanos e colônias estrangeiras no final do Século XIX (1885)	37
- África - partilha europeia no início do Século XX	40
- África - descolonização: 1900-49	43
- África - descolonização: 1950-59	43
- África - descolonização: 1960-69	43
- África - descolonização: 1970-79	43
- África - organização territorial atual dos povos afri- canos	45
- Organização territorial atual das religiões afrinacas	47
- África - distribuição da população por estado político. 1955	46
- África - distribuição da população por estado político. 1975	46
- África - movimentos recentes da população	48
- África - produção mineral e energética. 1980	50
- África - conflitos políticos/territoriais	52
- África - presença marcante da língua portuguesa em países africanos	53

ÍNDICE

	<u>Página</u>
INTRODUÇÃO	01
O PROJETO RETRATOS DA ÁFRICA	02
A CARTOGRAFIA ADOTADA	04
A ESTRUTURA TEMÁTICA DO TRABALHO	08
PARTE 1	10
PARTE 2	16
PARTE 3	25
PARTE 4.....	35
PARTE 5	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXO - ATIVIDADES DIVULGADORAS DO PROJETO	61

INTRODUÇÃO

Os símbolos e as composições gráficas usados pelos meios de comunicação social para transmitir conteúdos, sobretudo os voltados para educação, têm sido, demasiadamente, atrativos e segregadores. A imagem cartográfica, considerada também, expressão de uma linguagem, tem relevante papel no estímulo à observação e interpretação das relações que se manifestam no espaço geográfico. O continente africano, quase nunca considerado um território como entidade histórica, tem sido durante muito tempo, o mais mitificado e explorado. Preconceitos de toda espécie ocultam à sociedade a sua verdadeira historiografia. A semiologia gráfica tem fornecido princípios que servem para minorar a alienação na percepção de formas gráficas, de maneira que o processo de reconstituição e reprodução das relações sócio e físico-espaciais de um território, tem esta renovação na sua solução. A África aqui é o condutor principal dessa reflexão, que traz no seu bojo a importância dos mapas como instrumento tanto de pesquisa como de comunicação.

O PROJETO RETRATOS DA ÁFRICA¹

O centenário da sanção da Lei Áurea, pelo regime imperial brasileiro, ocorrido o ano passado vem suscitando uma significativa revisão historiográfica e das idéias nos meios acadêmicos, especialmente nas áreas das ciências humanas, e na ação político/cultural das entidades negras, que tentam resgatar sua identidade e construir sua memória.

O território africano, componente fundamental para uma compreensão mais apurada das questões que envolvem o papel do negro na sociedade brasileira, não pode deixar de ser entendido como um espaço produzido pelas relações sociais ao longo de sua evolução histórica. suas desigualdades, contradições e a apropriação que esta e outras sociedades fizeram, e ainda o fazem, dos recursos da natureza. Não podemos perder de vista que a África foi marcada por vários séculos de opressão, convivendo com gerações de exploradores, de traficantes de escravos, de missionários, de sábios de toda ordem, que acabaram por fixar uma imagem hostil dos trópicos, cheios de forças naturais adversas ao colonizador europeu e de homens ditos indolentes. Esta imagem, que foi sendo ampliada, não considerava os processos históricos como fatores modeladores da organização social e espacial, mesmo diante dos elementos da natureza. Neste contexto, não é de causar espanto o lugar insignificante e secundário que foi dedicado à historiografia africana em todas as histórias da humanidade.

Reconhecendo que existe esse profundo vínculo entre o cenário geográfico e os eventos históricos que nele se desenrolaram e lhe sentiram a influência, o projeto: Retratos da África - "Uma Abordagem Cartográfica", buscou desenvolver um diálogo mais amplo entre a geografia, a história e a antropologia da África, através da "linguagem gráfica" expressa em um conjunto de mapas temáticos, elaborados a partir do levantamento, análise e interpretação de dados secundários e de um processo sistemático de mapeamento, exercitando, dessa forma, a interdisciplinaridade e minorando a

a compartimentação do saber imposto pelos currículos tradicionais.

Com essa abordagem, o projeto tratou a compreensão do espaço africano como um espaço produzido pelos grupos humanos, que estão em contato permanente com dois tipos de forças: as históricas e as naturais. Neste sentido, a historiografia africana que tem sido, demasiadamente, mascarada, desfigura e, sobretudo, mutilada, necessita passar por um processo de desmitificação mais sistemático, como meio fundamental para minorar a persistência da discriminação do negro em nossa sociedade.

A CARTOGRAFIA ADOTADA

A atividade de mapeamento, por mais simples e direta que seja, constitui várias transformações da realidade, no que diz respeito à escala (quantas vezes o território representado foi reduzido), projeção (transposição de superfícies que na realidade são curvas para o plano), seletividade da informação (um mapa não representa todos os aspectos do espaço geográfico) e à simbologia (representação gráfica das manifestações físicas e culturais construídas no espaço geográfico). Estas transformações gráficas do espaço, que não se limitam somente aos aspectos visíveis da paisagem - entendida aqui como as manifestações construídas pela dinâmica da sociedade -, continuam sendo o eixo das preocupações estruturais da cartografia, sobretudo o sistema simbólico utilizado para comunicar a informação geográfica.

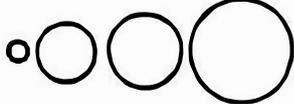
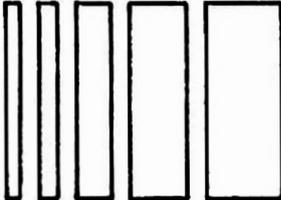
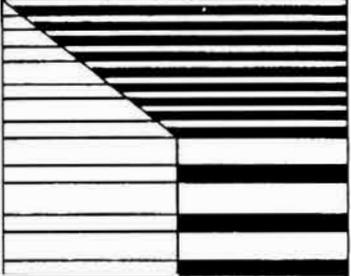
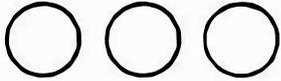
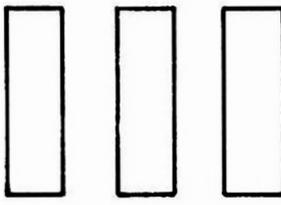
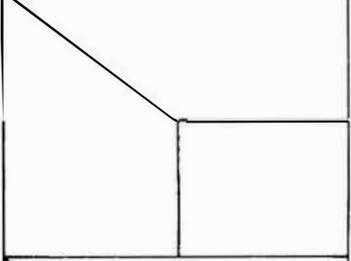
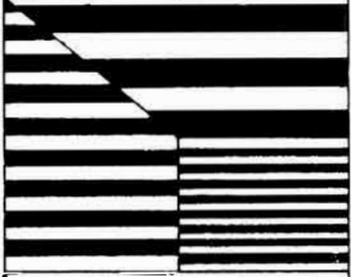
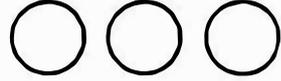
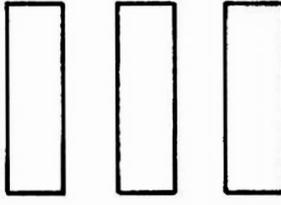
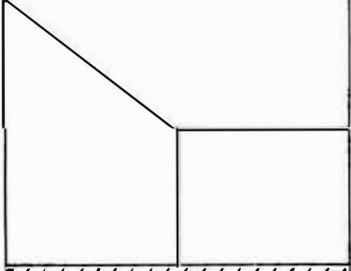
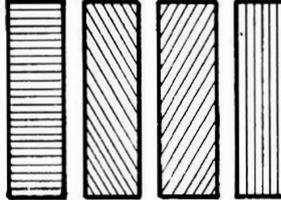
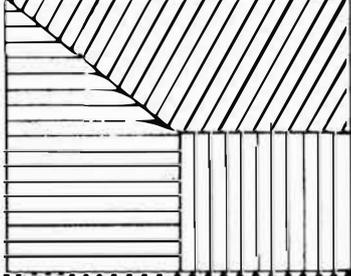
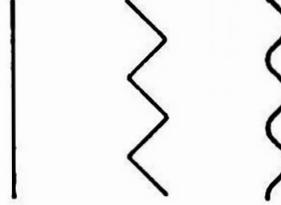
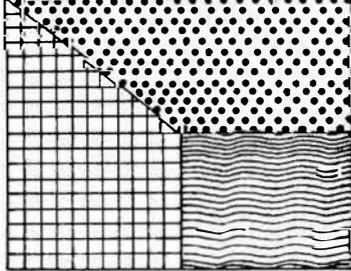
Apesar de ser a confecção dos mapas uma prática antiga e, altamente, especializada, o estudo dos mapas e de outras construções gráficas para o armazenamento de informação, por muito tempo, limitou-se a enunciar que as representações cartográficas são expressões de uma linguagem. A geografia, principalmente, não analisou durante muito tempo em que aspectos as representações gráficas refletiam o espaço real dinâmico e histórico, nem criaram regras para relacioná-lo com o sistema de simbologia que estava sendo usado. Atualmente as representações gráficas estão passando por uma importante renovação na sua solução, através das pesquisas na área da semiologia gráfica proposta inicialmente na França. O Prof. Jacques Bertin, que dirigiu trabalhos nesta área, desenvolveu pesquisas que possibilitaram que as representações gráficas se tornassem um instrumento analítico e de tratamento de informação. Este, parte do princípio de que um mapa não se desenha simplesmente, mas ele é construído e reconstruído, regido pela linguagem visual, usufruindo do grande potencial de percepção do olho humano (a retina), procurando demonstrar que as representações gráficas fazem parte de um sistema de símbolos, organizados para armazenar

e comunicar aspectos do espaço geográfico necessários e possíveis de serem mensurados.

Na atividade do mapeamento temático, uma vez definida a área e a finalidade da construção, passa-se ao problema seguinte, que é a caracterização das informações a partir dos componentes a serem representados, que poderão ter vários níveis de abordagem, a saber: quantitativo, ordenado, dinâmico e qualitativo. As informações transmitidas podem se referir a uma localização precisa, a um percurso, ou, ainda, a uma superfície. Estas três maneiras de colocar a informação num documento cartográfico, representam os três modos de implantação da informação, ou seja: pontual, linear e zonas². Segundo a natureza do fenômeno ou fato a ser representado e de acordo com a finalidade já definida do documento cartográfico, os recursos utilizados para representar os vários aspectos da construção, podem ser resumidos no estudo das chamadas "variáveis da retina" ou variáveis visuais (vide fig. 01), que melhor transcreverão tais componentes. As variáveis da retina serão constituídas a partir das variações percebidas pela retina, órgão sensível do olho humano, a saber: o tamanho, o valor, a granulação, a cor, a orientação e a forma.

A cartografia adotada no projeto foi utilizada como um instrumento gráfico de tratamento e reconstituição de informação, simplificando os mapas complexos, obedecendo a um processo de construção, até que fossem reveladas as relações existentes entre os elementos básicos que pudessem definir uma interpretação mais original da historiografia contemporânea da África. Assim, a imagem cartográfica tem um relevante papel no estímulo à observação e interpretação das relações e configurações do espaço africano, no passado e no presente, conduzindo a uma compreensão mais rápida e substancial. Não podemos perder de vista que a massificação e alienação da sociedade atual é um problema não somente de conteúdo, mas também de percepção das formas. Os símbolos e composições gráficas usados pelos meios de comunicação social para transmitir conteúdos, sobretudo os voltados para educação, têm sido, demasia-

FIG. 01

AS VARIÁVEIS DA RETINA			
MODO DE IMPLANTAÇÃO			
	PONTUAL	LINEAR	ZONAL
Tamanho			
Valor			
Granulação			
Cor			
Orientação			
Forma			

ELABORAÇÃO: GEOG. RAFAEL SANZIO A. DOS ANJOS
 FONTE: A PARTIR DE J. BERTIN, 1977.
 DESENHO: MAGNO CAVALCANTE - BRASÍLIA-DF, 1988

damente, atrativos, impactuados e segregadores. Desse forma, a metodologia utilizada na elaboração dos documentos cartográficos aqui apresentados, que tem a África como "pano de fundo", levou em consideração os princípios da semiologia gráfica e contribuições de outras técnicas de representação gráfica, sem esquecer que o produto será mais eficaz na medida em que exigir um menor esforço mental para o entendimento da mensagem.

A ESTRUTURA TEMÁTICA

Enquanto as sociedades africanas foram se modificando ao longo dos tempos, criando novas e mais complexas formas de sobrevivência, produzindo e reproduzindo sua existência por intermédio do processo do trabalho, novos espaços foram sendo construídos. Dessa forma, o espaço africano confunde-se com o tempo como produto histórico, evidenciando-se a íntima relação do espaço geográfico com os eventos da História.

A estrutura temática do trabalho procurou obedecer a uma certa ordem cronológica, com o cuidado de questionar uma concepção linear e restritiva dos fenômenos e fatos da historiografia africana, estabelecendo um espectro temático no conjunto dos mapas que abordasse aspectos relevantes anteriores à pré-história africana, estendendo-se até as suas manifestações mais contemporâneas, conforme itens abaixo:

1. O quadro ambiental do passado e a pré-história - Nesta parte do trabalho foram tratados temas fundamentais do passado geológico e geográfico na África como a deriva dos continentes, as glaciações do quaternário, a desertificação do Saara e os sinais de vida humana primitiva no continente;

2. O quadro ambiental recente e a história que antecede os "grandes descobrimentos" - Nesta segunda parte abordou-se temas para a compreensão das relações da base geográfica com os eventos históricos, tais como: a morfologia, o clima e a cobertura vegetal que se organizou após as glaciações, as grandes migrações humanas (línguas bantu), a organização cultural dos povos, os principais estados políticos e o comércio com outros territórios;

3. O tráfico negreiro e a colonização - Aqui foram tratados os temas estruturais do nascimento e desenvolvimento do capitalismo no mundo, tais como: os aspectos econômicos que engendraram o comércio além mar, a questão demográfica e cultural do tráfico e o contexto geopolítico;

4. O imperialismo e a descolonização - Nesta quarta

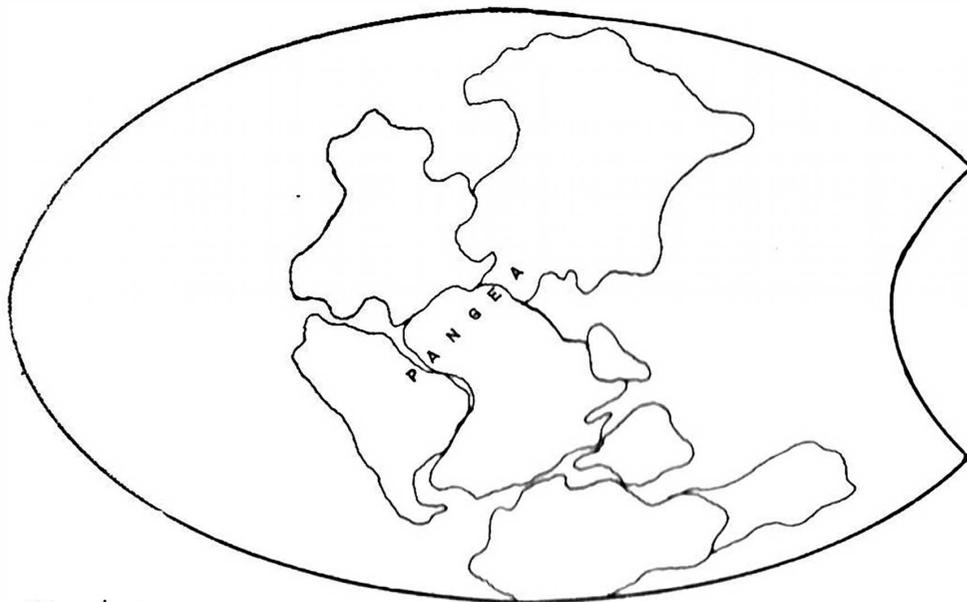
parte foram abordados temas de um novo momento do capitalismo na África, iniciando com as incursões científicas para reconhecimento dos recursos naturais, o estado africano e as colônias estrangeiras no final do século XIX, a partilha da África no início do século XX, os momentos da independência política e o contexto geopolítico;

5. A África contemporânea - Nesta quinta e última parte do projeto, tratou-se de temas que têm expressão nas três últimas décadas como a nova organização dos estados políticos, seus conflitos e tensões, a distribuição e ocupação da população, a geografia do militarismo que se organizou, a nova organização das religiões e das atividades econômicas no território.

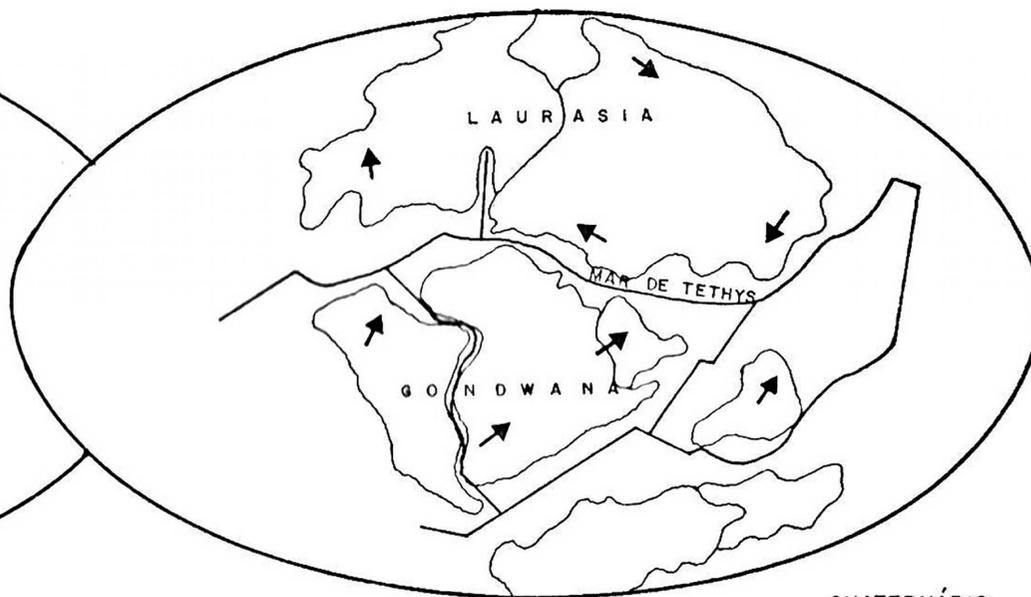
Todos esses assuntos estão abordados de alguma forma no conjunto dos mapas, com a preocupação de manter um diálogo entre esses. A amplitude das questões que conformam o universo temático do trabalho e as escalas adotadas nas construções, fizeram com que os temas fossem tratados, na sua maioria, de maneira ampla, restringindo-se o seu nível de detalhe, mas atendendo aos propósitos principais do projeto, ou sejam trazer à luz uma África como entidade histórica, enfocando as questões fundamentais que a acometem hoje, assim como fenômenos que aí se revelaram, resultantes de um conjunto de forças impulsionadas pela história e pela geografia.

DERIVA DOS CONTINENTES

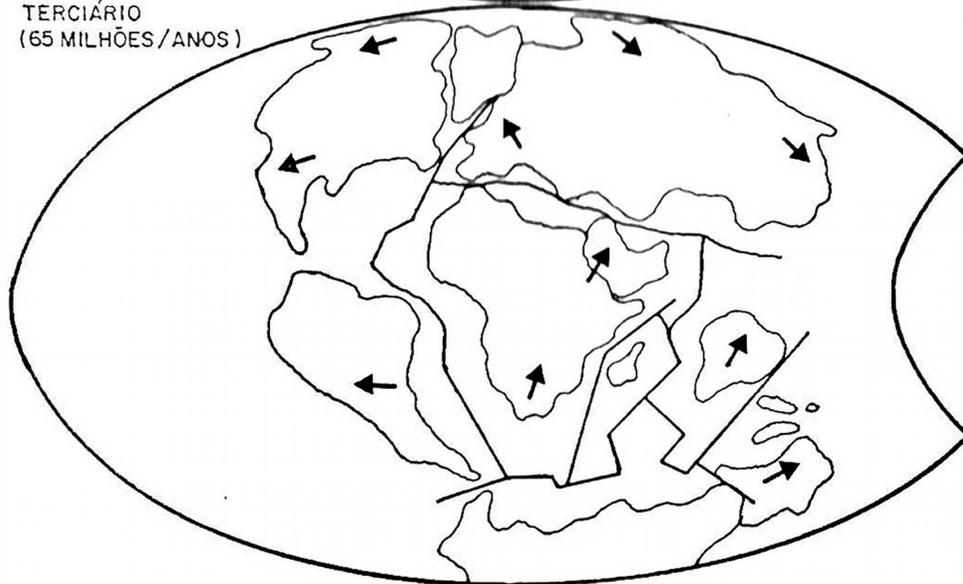
PERMO/TRIÁSICO (200 MILHÕES DE ANOS)



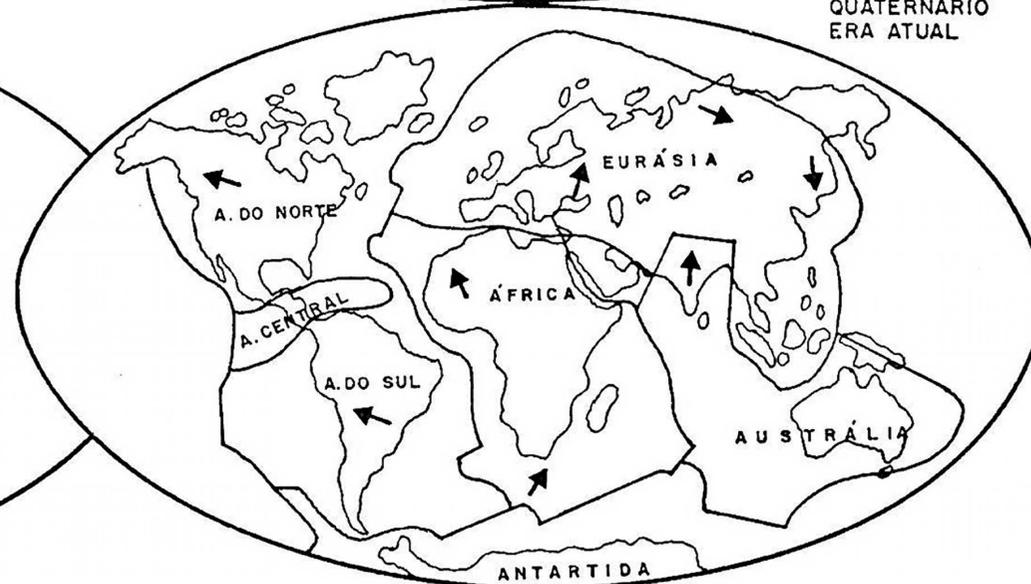
JURÁSSICO/CRETÁCICO (135 MILHÕES DE ANOS)



TERCIÁRIO
(65 MILHÕES/ANOS)



QUATERNÁRIO
ERA ATUAL



LEGENDA:

- LIMITE DAS PLACAS
- DIREÇÃO DO MOVIMENTO

ELABORAÇÃO: GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS
DES. JAIRO - BRASÍLIA JUL/89

**JUSTAPOSIÇÃO DAS PROVÍNCIAS
GEOCRONOLÓGICAS ANTIGAS
ENTRE A ÁFRICA E A AMÉRICA
DO SUL.**

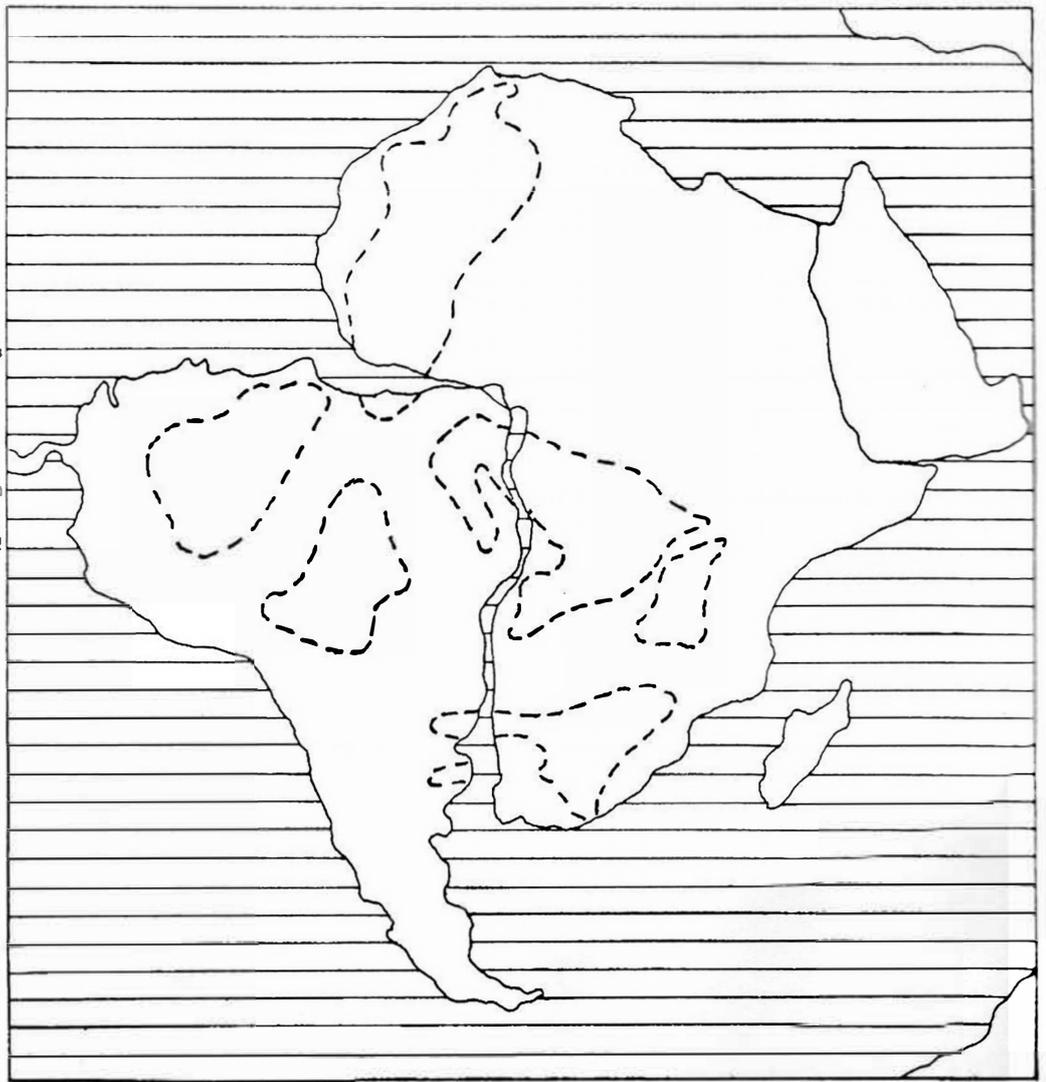
LEGENDA.

-  VELHOS CRATONS COM CERCA DE 2 BILHÕES DE ANOS. (ÁREAS ESTÁVEIS OE ROCHAS METAMORFIZADAS)
-  LIMITES APROXIMADOS

NOTA: OS CONTINENTES DA AMÉRICA DO SUL E ÁFRICA (COM A ARÁBIA AINDA UNIDA A ESTE ÚLTIMO) INICIARAM SUA SEPARAÇÃO NO CRETACEO INFERIOR COM A FORMAÇÃO DA DORSAL MÉDIO-ATLÂNTICA.



ELABORAÇÃO E ADAPTAÇÃO
GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS
DES. JAIRO
BRASÍLIA - DF. JUL. /89



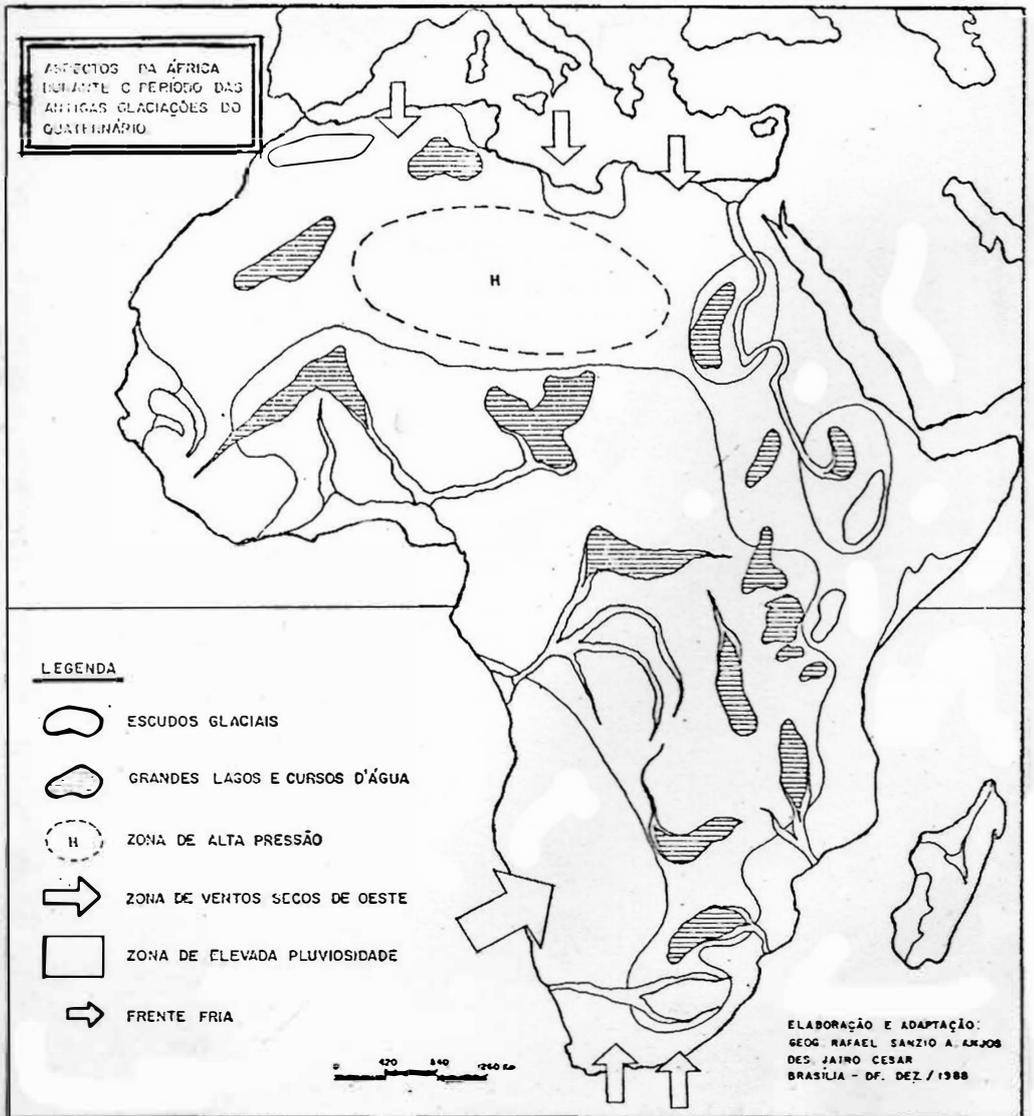
**ASPECTOS DA ÁFRICA
INUNTADE O PERÍODO DAS
ANTIGAS GLACIAÇÕES DO
QUATERNÁRIO**

LEGENDA

-  ESCUDOS GLACIAIS
-  GRANDES LAGOS E CURSOS D'ÁGUA
-  ZONA DE ALTA PRESSÃO
-  ZONA DE VENTOS SECOS DE OESTE
-  ZONA DE ELEVADA PLUVIOSIDADE
-  FRENTE FRIA



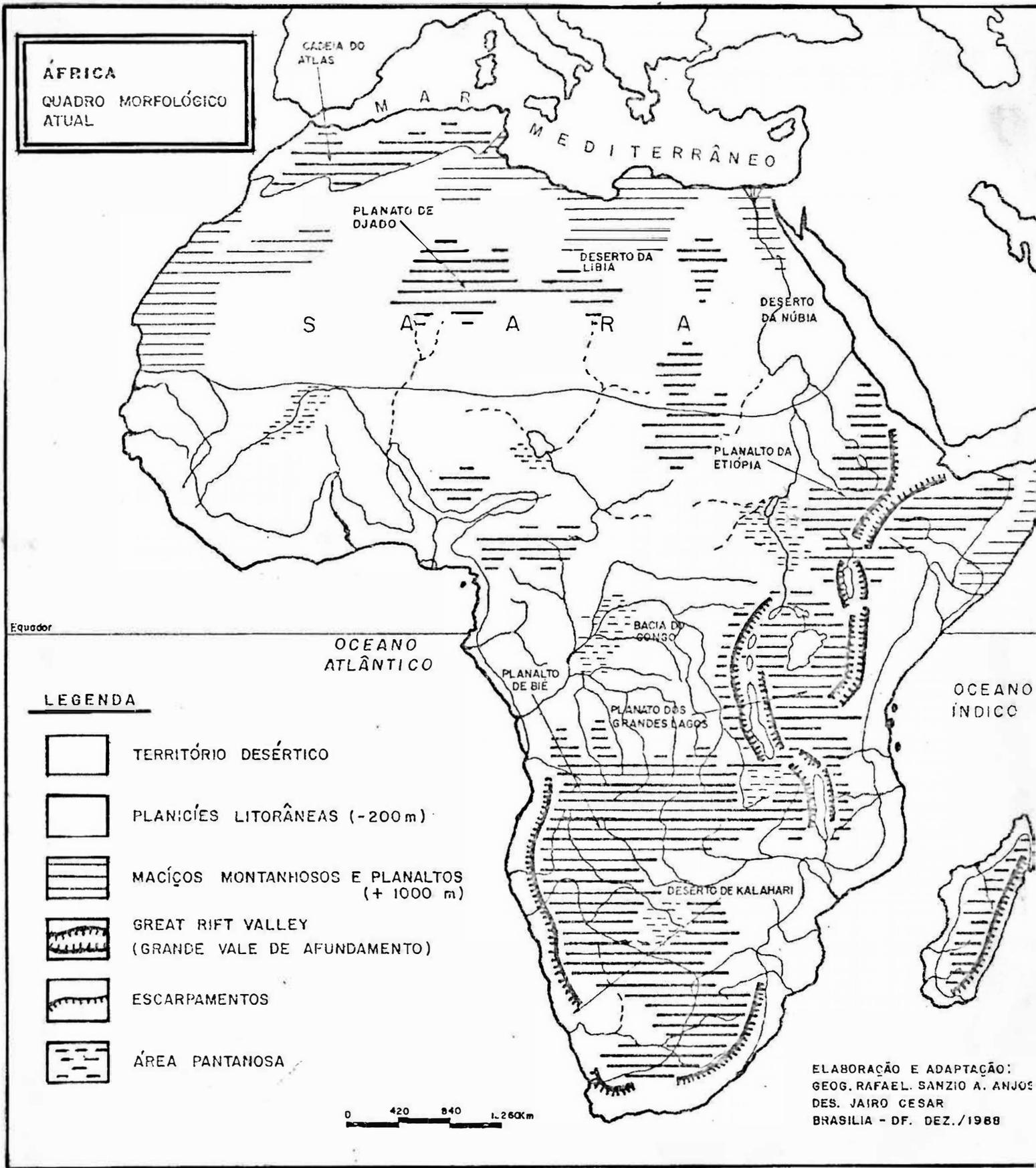
ELABORAÇÃO E ADAPTAÇÃO:
GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS
DES. JAIRO CESAR
BRASÍLIA - DF. DEZ. /1988



A distribuição dos oceanos e das terras emersas é uma consequência dos processos evolutivos que afetaram e ainda afetam a litosfera. No momento atual, tal distribuição reflete, simplesmente, um estágio da sua evolução no tempo geológico³. A Terra durante a Era Quaternária ou Antropozóica (10 milhões de anos passados) - Era da aparição do homem primitivo - viveu longos e intensos períodos frios que vão determinar as glaciações, fenômeno causador de relevantes mudanças no clima, na morfologia e na vida animal e vegetal do globo. A África, neste momento da história geológica, se apresentava com condições ambientais diferentes das atuais, principalmente nos recursos hídricos que ocupavam maiores áreas, proporcionando o desenvolvimento de um revestimento vegetal e vida animal em regiões atualmente desérticas⁴.

Uma série de pesquisas arqueológicas vêm apontando a África como o território do surgimento dos ancestrais do Homo Sapiens, de onde ter-se-iam espalhado pelo planeta. Os métodos científicos utilizados pela arqueologia têm o mérito de ser universais. Podem ser aplicados tanto na África como na América, Europa ou Ásia, embora a maneira de aplicá-los possa ter variações de um lugar para outro. Esta hipótese de aparecimento do homem se mostra coerente, principalmente por que é na África que se encontram os fósseis da mais antiga espécie humana⁵. A região no entorno do lago Turkana no Grande Vale do Afundamento na África Oriental (... Great Rift Valley) apresenta fortes argumentos e uma abundância de indícios para a primazia de ter sido o berço da humanidade⁶. Os sítios arqueológicos da pré-história na África, apresentam-se poucos numerosos e se encontram distribuídos de forma bastante dispersa. Ainda que se descubram, a cada ano, novos sítios, grande parte da África terá dificuldade de revelar as evidências fósseis do aparecimento do homem, uma vez que em muitas regiões não existiam condições ambientais favoráveis à fossilização de restos animais. Observando os vestígios fósseis do Neolítico⁷, comprova-se que estes distribuem-se por toda a extensão do atual deserto de Saara, fato que também afirma a existência de outras condições am-

bientais nesta região. As sociedades do Neolítico, caracterizadas como povos agricultores e domesticadores de animais, portanto, sedentarizados, viveram no momento de retirada do gelo das terras atingidas pelas glaciações (final do período Holoceno). Este fenômeno da retirada do gelo vai desencadear mudanças climáticas gradativas que implicarão na rarefeção das precipitações e consequente extinção dos mananciais, imprimindo em muitas regiões a desertificação (o caso do Saara), forçando, dessa forma, as sociedades a migrarem para o norte e nas direções leste e sul do continente, regiões de clima mais favorável ao habitat.⁸ Dessa forma, os paleoclimas são responsáveis pela existência do Saara, onde a presença de vestígios líticos e de fósseis de uma fauna do tipo equatorial, provam que em tempos remotos houve um clima mais favorável à fixação do homem.



ÁFRICA
QUADRO MORFOLÓGICO
ATUAL

CADENA DO ATLAS

M A R

M E D I T E R R Â N E O

PLANATO DE DJADO

DESERTO DA LÍBIA

DESERTO DA NÚBIA

S A H A R A

PLANALTO DA ETIÓPIA

Equador

OCEANO ATLÂNTICO

LEGENDA

-  TERRITÓRIO DESÉRTICO
-  PLANÍCIES LITORÂNEAS (-200m)
-  MACÍÇOS MONTANHOSOS E PLANALTOS (+ 1000 m)
-  GREAT RIFT VALLEY (GRANDE VALE DE AFUNDAMENTO)
-  ESCARPAMENTOS
-  ÁREA PANTANOSA

OCEANO ÍNDICO

DESERTO DE KALAHARI

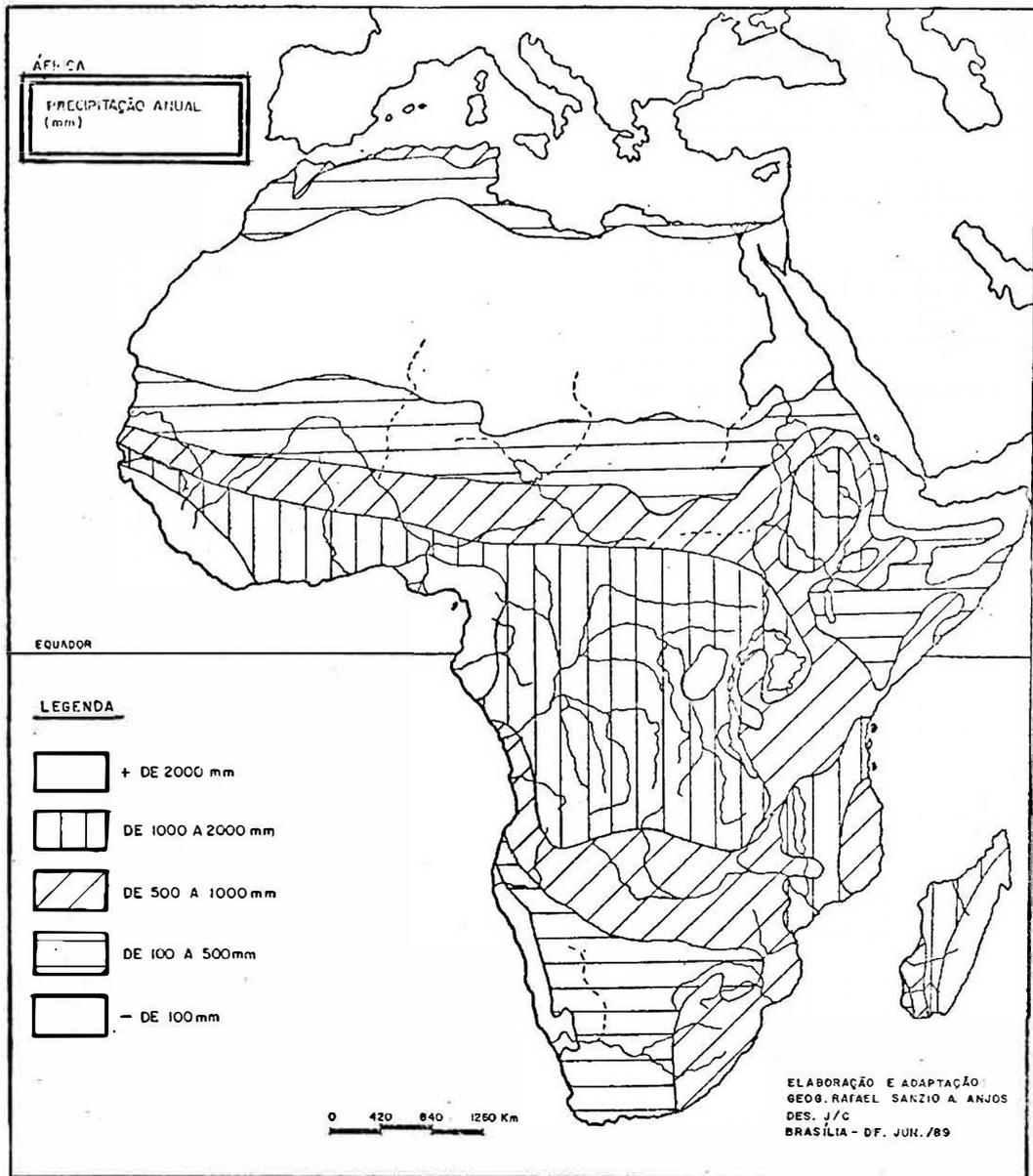
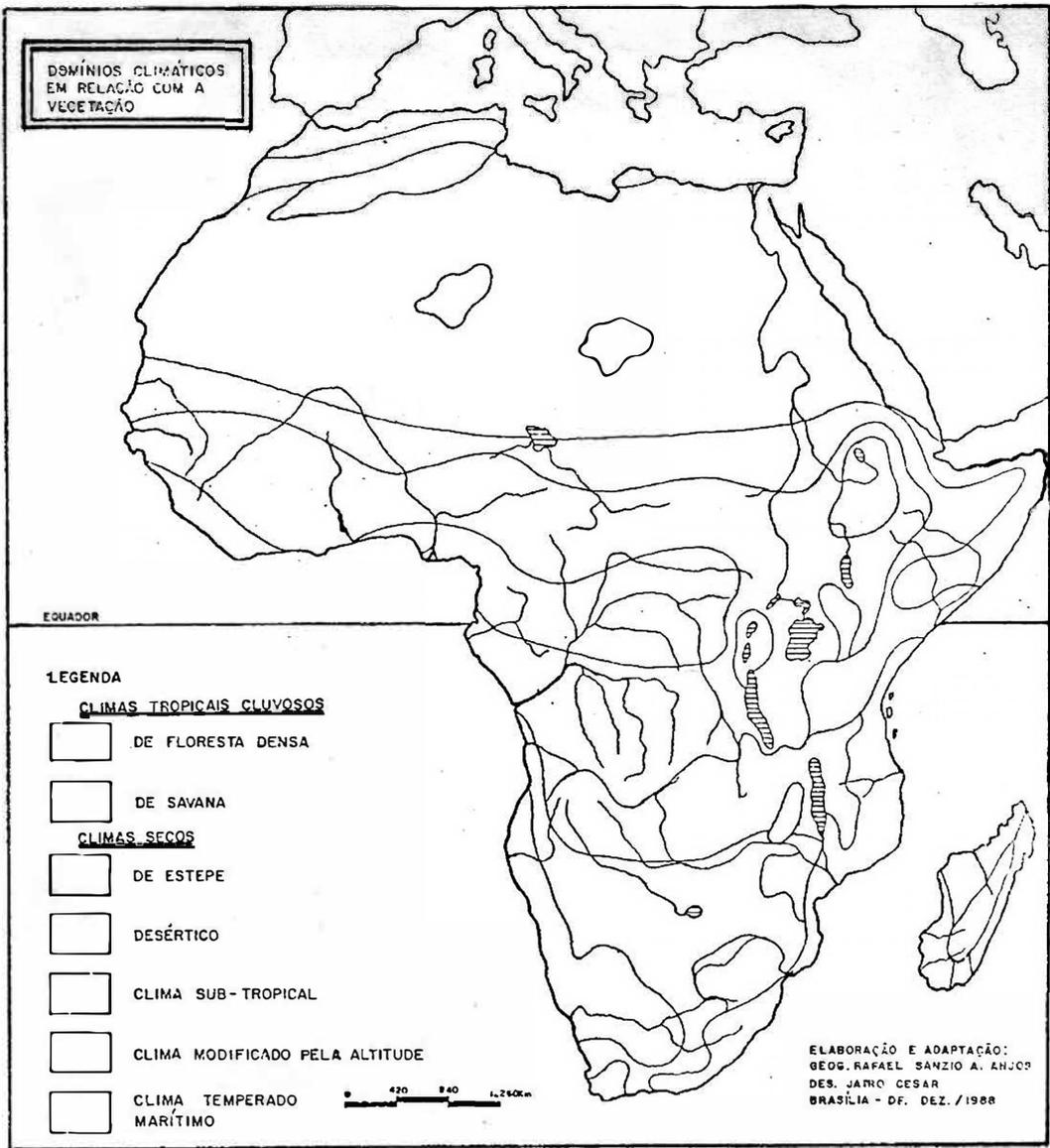
BACIA DO GONGO

PLANALTO DOS GRANDES LAGOS

PLANALTO DE BIÉ

0 420 840 1.260km

ELABORAÇÃO E ADAPTAÇÃO:
 GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS
 DES. JAIRO CESAR
 BRASÍLIA - DF. DEZ./1988



A notável originalidade da sucessão atual de falxas climáticas e da cobertura vegetal, ordenadas quase paralelas ao Equador, sofrem a influência decisiva da pluviosidade (em ambos os hemisférios, os regimes de chuva diminuem, progressivamente, em direção às altas latitudes). Por possuir a maior parte do território na zona intertropical, a África é o continente mais uniformemente quente do mundo. Este calor se faz acompanhar de seca, crescente em direção aos trópicos, ou de umidade, geralmente mais elevada nas baixas latitudes.

Protegido por dois oceanos, um imenso deserto e um litoral não muito hospitaleiro, a África permaneceu por séculos fora das rotas comerciais. O isolamento nunca foi completo, o Oceano Índico favoreceu o contato entre a África Central e o sul da Ásia, assim como o extremo norte da África sentiu as influências do mundo Mediterrâneo. Como diz Giordani (1985, p. 37) "o solo, a chuva, o calor, a falta de água, a floresta, a fauna desempenharam papel, às vezes, decisivos na história dos povos africanos, constituindo, não raro, sérios obstáculos à fixação humana". A desertificação do Saara não impediu, de modo absoluto, a comunicação entre o mediterrâneo e a África Tropical. Esse atuou como uma espécie de filtro natural, limitando a penetração de influências do mundo Mediterrâneo.

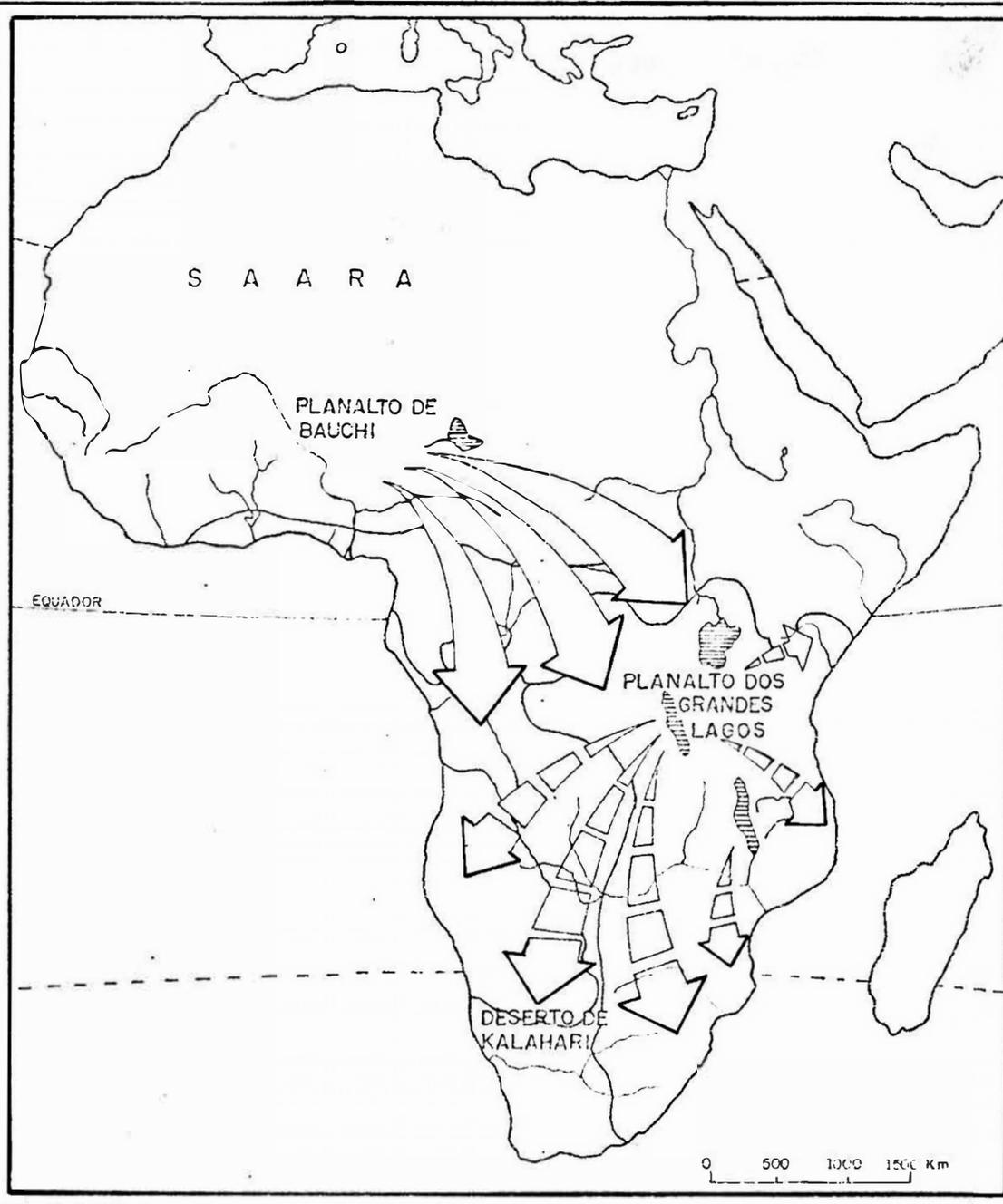
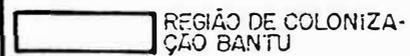
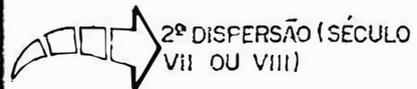
No ambiente de savana e floresta da África Austral, vai ocorrer um dos fenômenos mais importantes e fundamentais da historiografia africana. A expansão das línguas bantu. Ao que tudo indica, esta expansão demográfica, estaria, profundamente, ligada a uma notável melhoria do nível alimentar⁹, à posse e uso da técnica do ferro e a uma capacidade de organização social e política. Os povos¹⁰, caracterizados como bantus, apresentam uma diversidade de tipos físicos, mas os inúmeros dialetos de que usam apresentam características comuns, que só podem ser explicadas pressupondo-se uma origem comum¹¹. Segundo os estudiosos de lingüística, o ponto de dispersão das línguas bantu, teria sido os planaltos da Nigéria e da República dos Camarões, no início da Era Cristã.

ÁFRICA

EXPANSÃO DAS LÍNGUAS BANTUS



LEGENDA :



ELAB.: GEOS RAFAEL SANCIO A. DOS ANJOS
DES MAGNO CAVALCANTE - BRASÍLIA / 88

Por volta do século VII (ou VIII) os bantus se encontraram na região dos Grandes Lagos e a partir daí se multiplicaram e se expandiram rapidamente. Pelo século X estão na região do atual Zimbábue, com infiltração até a desembocadura do rio Congo (ou Zaire). Giordani (1985, p.96) ao analisar esse fenômeno, diz que "a expansão bantu foi um processo notável de colonização - no verdadeiro sentido da palavra - a exploração de terras totalmente desocupadas".

É inegável a necessidade de restabelecer, em bases sólidas, a historicidade das sociedades africanas da época anterior aos descobrimentos. Esta necessidade, contudo, defronta-se com uma série de dificuldades, sobretudo, no que se refere à ausência de documentação escrita referente a este período e à terminologia usada para expor os acontecimentos e instituições.

Os estados abordados no mapa dos principais estados e formações políticas da África até o século XVIII, pode parecer, à primeira vista, por demais pretensioso em virtude da ampla complexidade das organizações políticas africanas, que, aparentemente, se propõe abarcar. Pretendemos, apenas, mostrar a distribuição espacial das formações políticas que figuram com mais evidência na historiografia africana, dentro dos limites oferecidos pelas fontes. O que chamamos aqui de reinos e impérios, são núcleos de domínio com limites ou fronteiras bastantes fluidos, que alcançam maior ou menor extensão territorial, segundo o nível de autoridade e dinamismo dos governantes. Estas expressões não designam, portanto, um estado político nos padrões ocidentais.

Das organizações políticas que figuram entre as mais antigas da África Ocidental, destacamos os impérios de Ghana, Songhai e Malí, que em função dos seus próprios impulsos econômicos e culturais, vão criar condições para o desenvolvimento de outros estados vizinhos, que depois se tornariam rivais. A título de exemplo, lembramos o império de Ghana, que segundo Ki-Zerbo (1972, p. 133), é o primeiro império negro conhecido com

ÁFRICA

ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL
DOS PRINCIPAIS GRUPOS
HUMANOS NO SÉCULO XV

EQUADOR

LEGENDA



CÂMITO - SEMÍTICA
(AFRO-ASIÁTICA)



POVOS SUDANESES



POVOS BANTUS



POVOS KOISAN



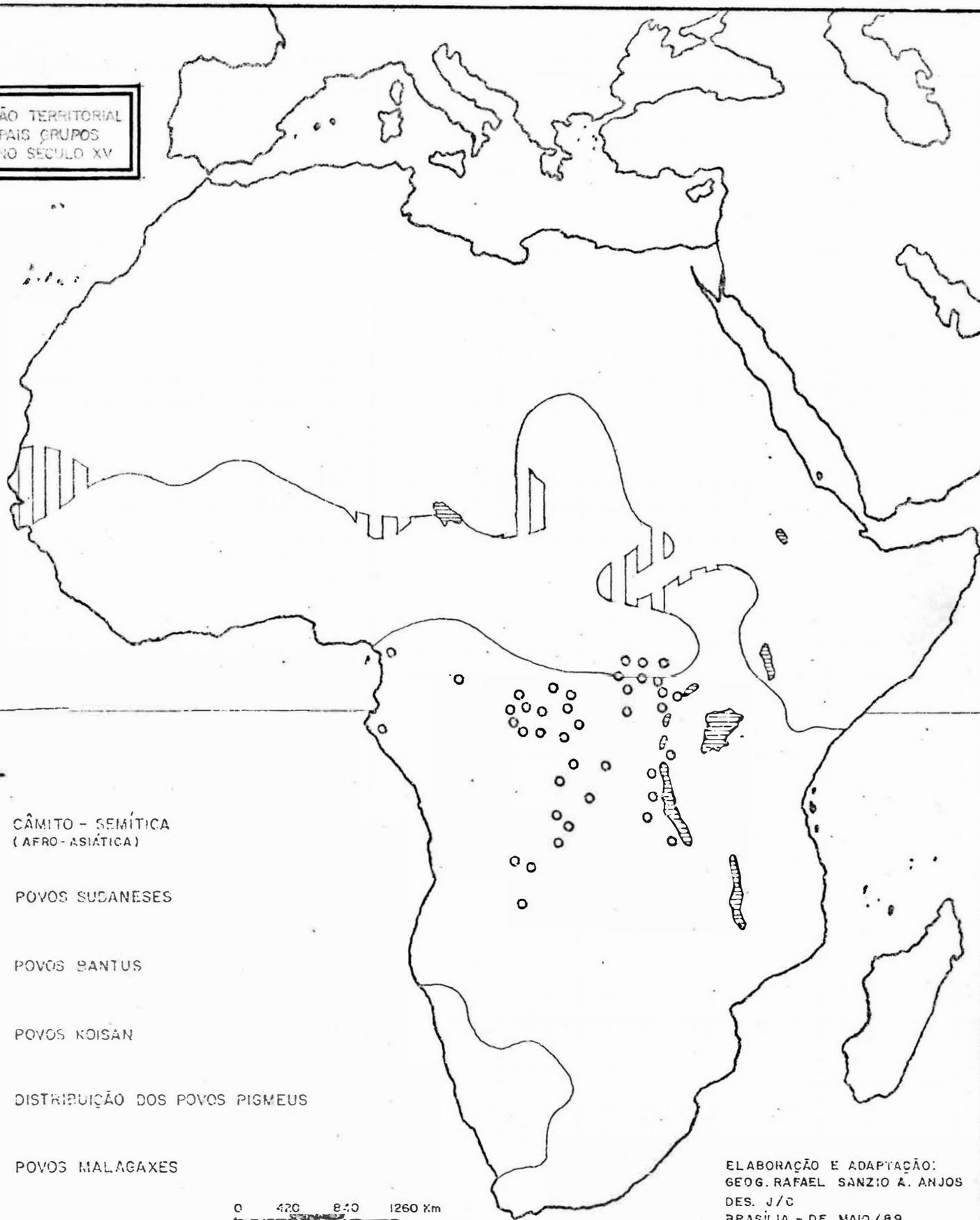
DISTRIBUIÇÃO DOS POVOS PIGMEUS



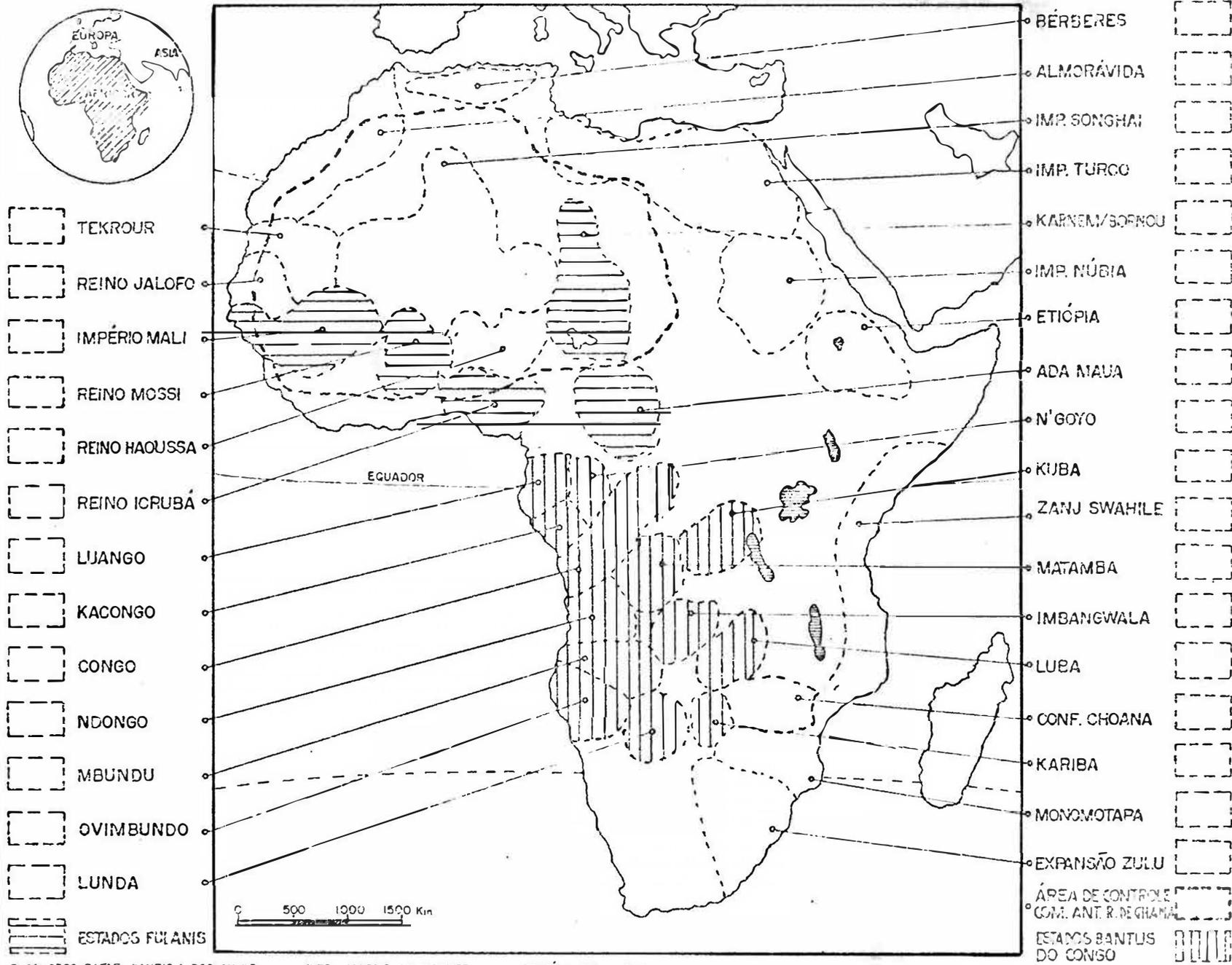
POVOS MALAGAXES

0 420 840 1260 Km

ELABORAÇÃO E ADAPTAÇÃO:
GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS
DES. J/C
BRASÍLIA - DF. MAIO / 89



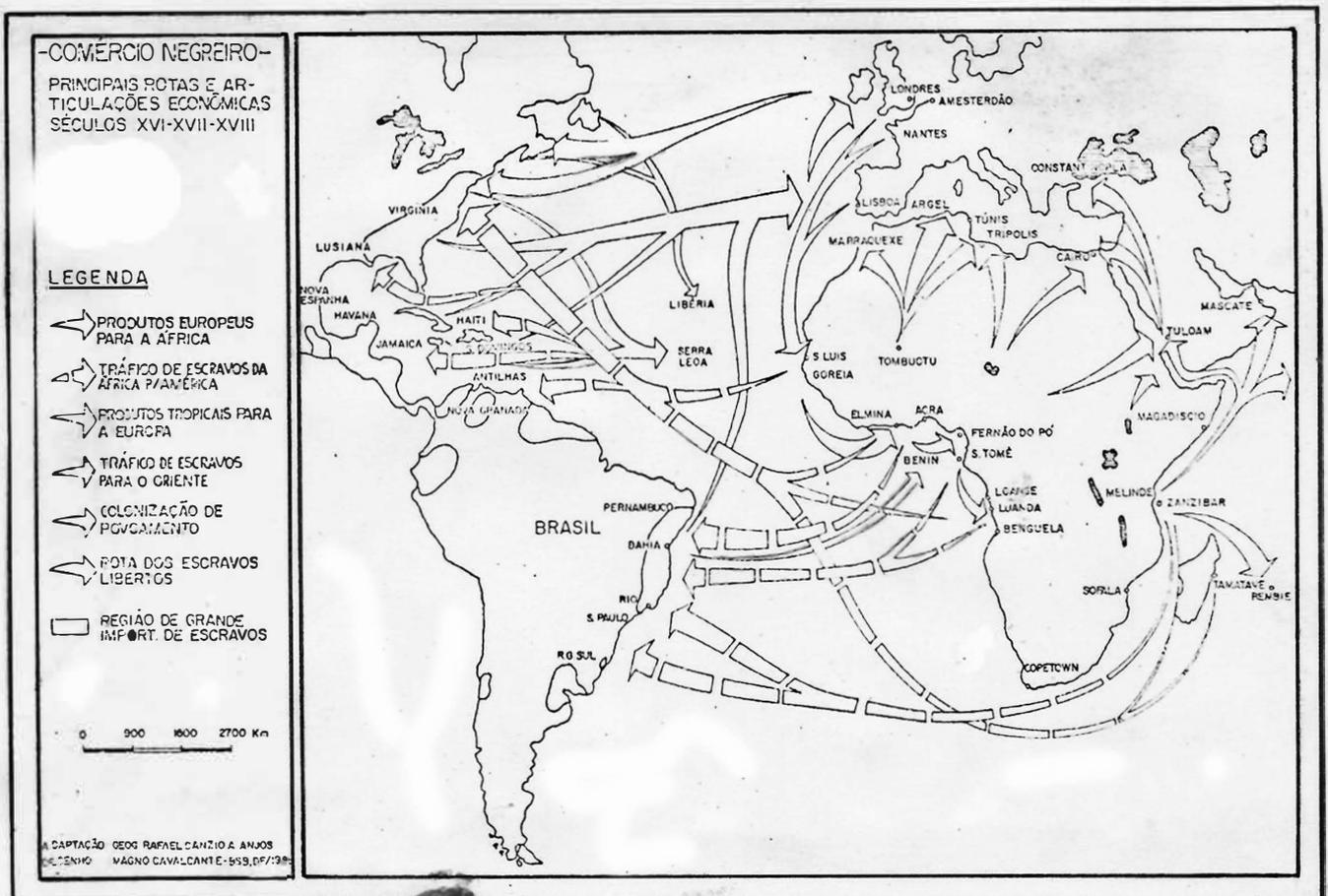
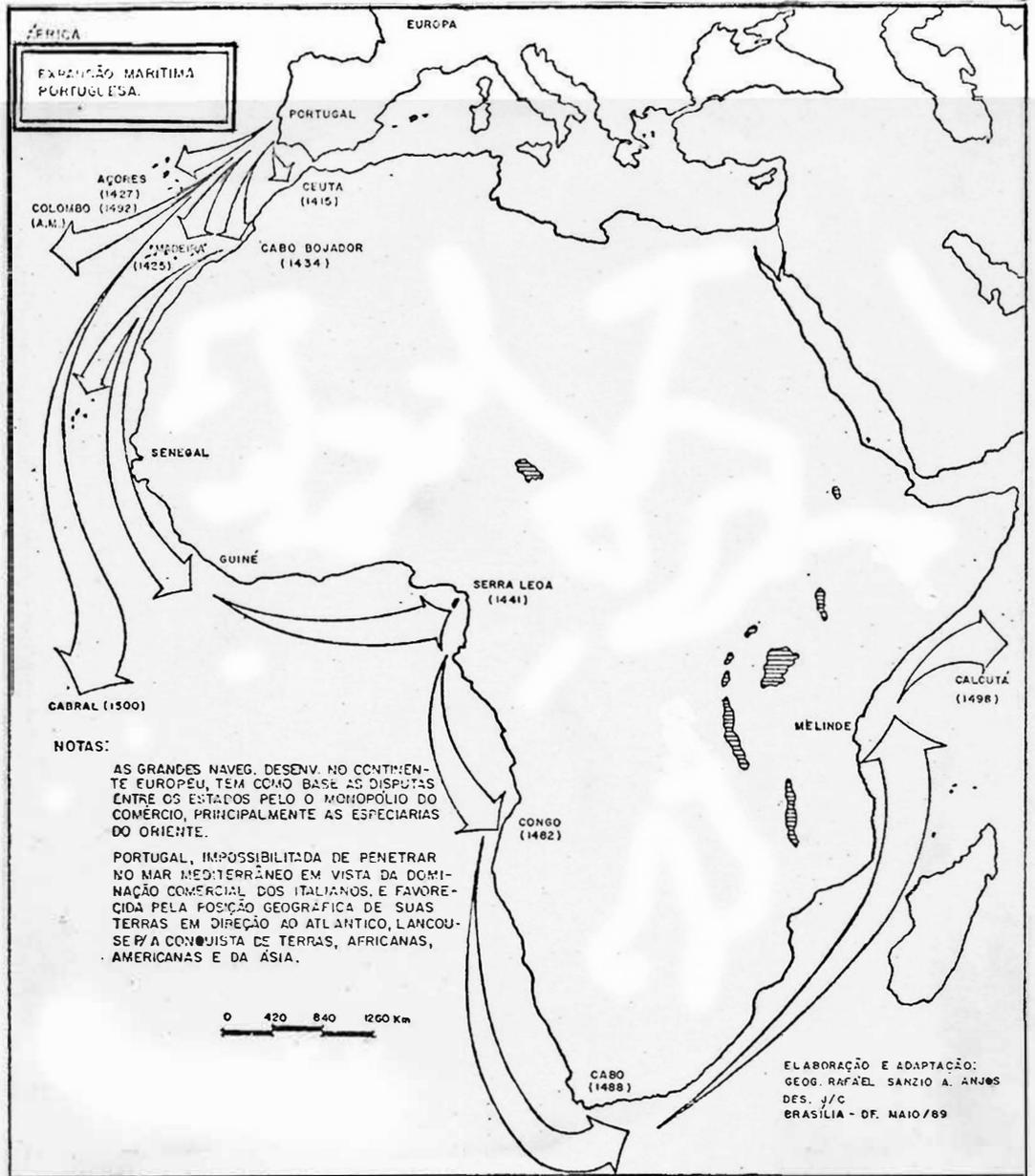
ÁFRICA - PRINCIPAIS ESTADOS E FORMAÇÕES POLÍTICAS ATÉ O SÉCULO XVIII



precisão. Giordani (1985, p. 102) afirma que "durante a Idade Média e até a descoberta da América, o principal fornecedor de ouro e sal do mundo Mediterrâneo era Ghana". O seu fortalecimento político e militar tem sua origem neste comércio, via rotas transaarianas, que incluía também, cobre e manufaturas do norte da África.

Sem alcançar o poderio de Ghana, Songhai e Malí, outras formações políticas desenvolveram-se por várias regiões africanas. O território da bacia do Congo, em seu sentido mais amplo¹², esteve povoado por pigmeus (selva) e bosquimanos (savana), povos que desenvolveram uma economia mercantil a partir da conexão com os focos comerciais da costa oriental, testemunhada pela presença de objetos hindus e chineses do século VIII a X¹³. No final do século XIV, uma série de reinos bantus tinham-se formado, com diferentes níveis de integração entre si. O reino do Congo, foi um dos maiores estados constituídos no sul do Saara. Giordani (1985, p. 101) lembra que este reino teria sido fundado pelo início do século XV por chefes guerreiros, bons caçadores e guerreiros.

É oportuno repetir a observação, já feita por vários estudiosos, de que a África oferece uma oportunidade única para a reconstituição do modo de vida das mais primitivas sociedades, visto encontrarem-se lá, organizações sociais e políticas que conservem hábitos, técnicas e atividades que têm, por vezes, a sua origem num passado remoto.



Povos árabes, indianos, chineses e outros do oriente, há muito mantinham relações comerciais e miscigenavam-se com os povos africanos, onde as estruturas sociais mesclaram-se sem provocar rupturas violentas nas sociedades africanas. Os povos europeus não. O período das grandes navegações e descobrimentos coincide com o início do renascimento, onde a atividade mercantil vai abrir o caminho à revolução industrial e ao capitalismo. Adas (1981, p.112 e 113), ao abordar o problema da formação da imagem hostil dos trópicos, adverte para este novo período da história do homem, caracterizando a uma nova fase de relações entre os homens e entre estes e a natureza. Em nenhum momento da história do homem tinha sido necessário uma acumulação tão rápida de riquezas para a emergência de uma nova classe e permitir o desenvolvimento de um novo sistema econômico e social.

A Europa, com seu território de dimensões reduzidas, pobreza mineral e uma população insuficiente para ocupar e produzir nas "novas" terras descobertas, nas quais os europeus haviam chegado nos séculos XV e XVI, vai encontrar nessas mesmas terras os fatores de produção que lhe são escassos. A exploração dos recursos naturais - principalmente os minerais preciosos - da América e da África por mão-de-obra escrava, impulsionam o comércio a longa distância e fortalece o poder central do estado, passando a ser a base do capitalismo comercial e financeiro da Europa e além dela. Como diz Pietri (1988, p. 12) "o desenvolvimento das populações européias, que tornou possíveis as grandes concentrações urbanas, a consolidação nacional e depois o desdobramento da revolução industrial, se deve à ampliação mundial do mercado, mas também ao desaparecimento definitivo da fome que durante séculos dizimou os europeus".

O mercantilismo europeu, entretanto, tinha pressa, uma pressa que não permitia um relacionamento harmônico com as novas sociedades com as quais entravam em contato. Na medida em que os povos europeus visavam tirar do meio tropical tudo aquilo que ele pudesse oferecer ao mercado europeu, delineava-se uma missão civilizadora, que desde logo tratou de hostilizar a imagem dos trópicos, até o ponto de se firmar teorias que as realizações humanas são limitadas pelo clima tropical, desconsiderando os processos e as forças históricas como fatores estruturadores do com-

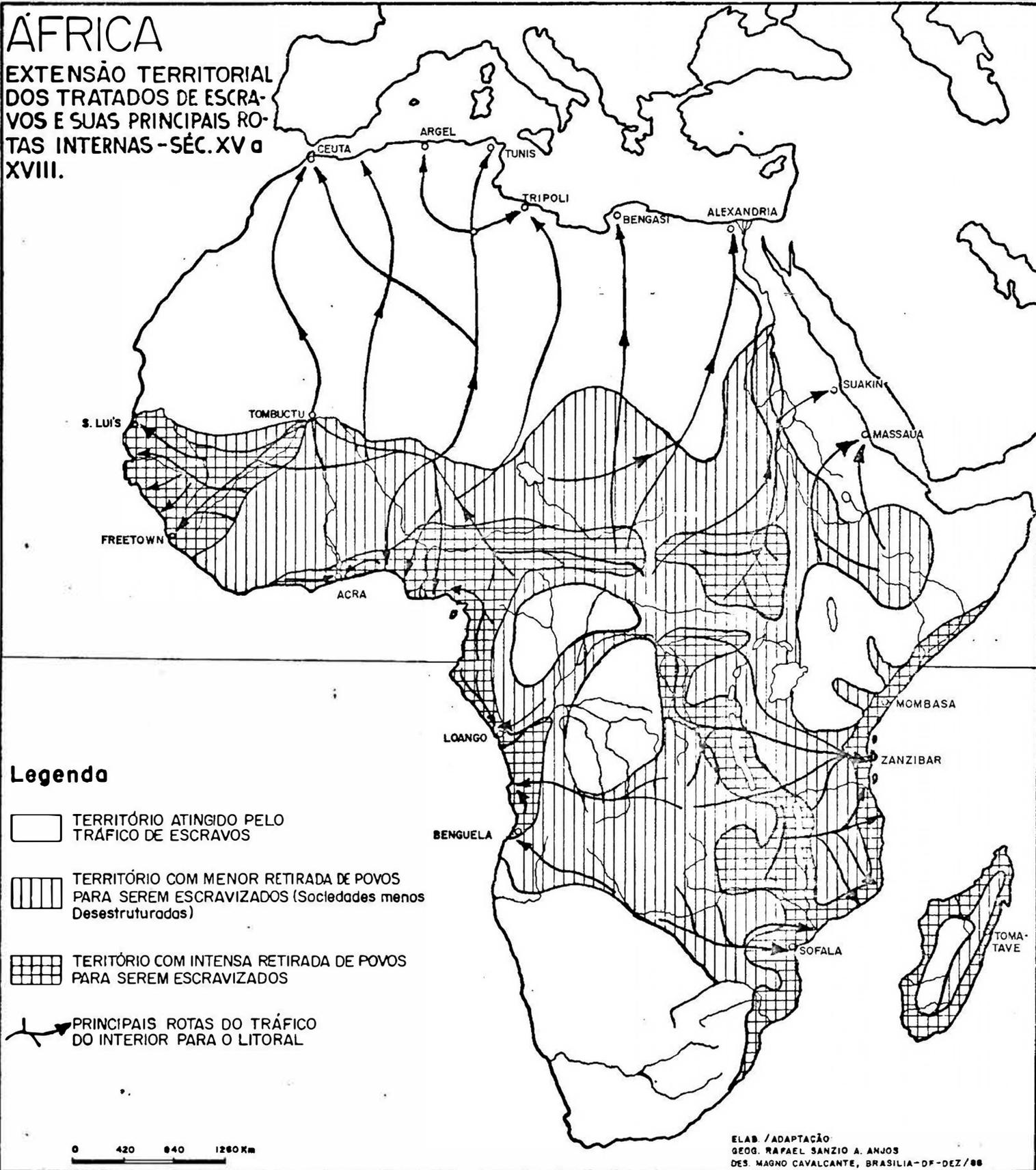
portamento humano, mesmo diante das influências dos elementos da natureza¹⁴. Não era somente a terra e suas riquezas que interessavam aos povos europeus, mas também, os homens, para o cultivo e a exploração das minas, eram necessários aos colonizadores. Como diz Prado Júnior (1961, p.22 e 23) "o colono europeu não traria com ele a disposição de por-lhe a serviço, neste meio tão difícil e estranho, a energia de seu trabalho físico. Viria como dirigente da produção de gêneros de grande valor comercial, como empresário de um negócio rendoso, mas só a contragosto como trabalhador".

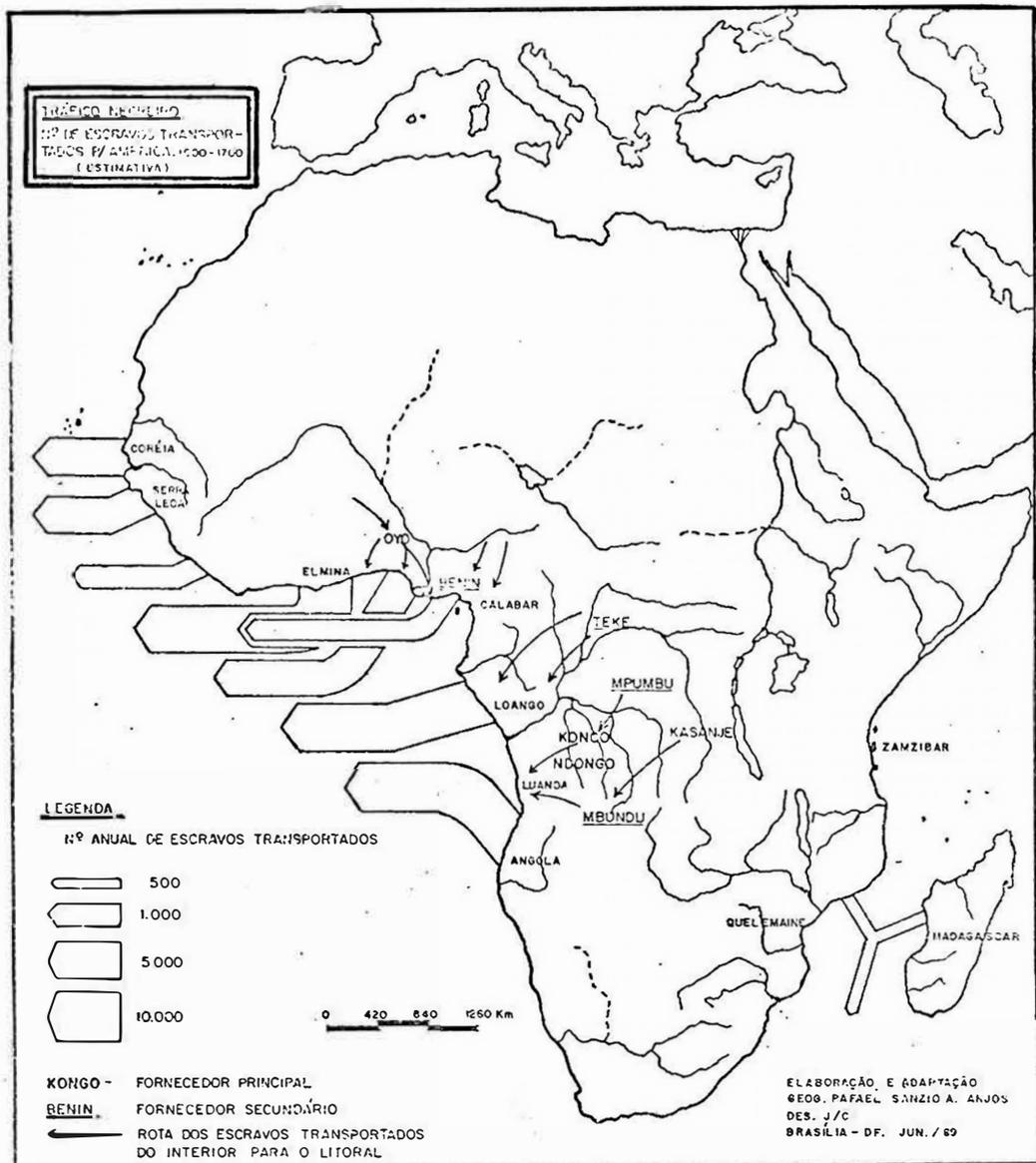
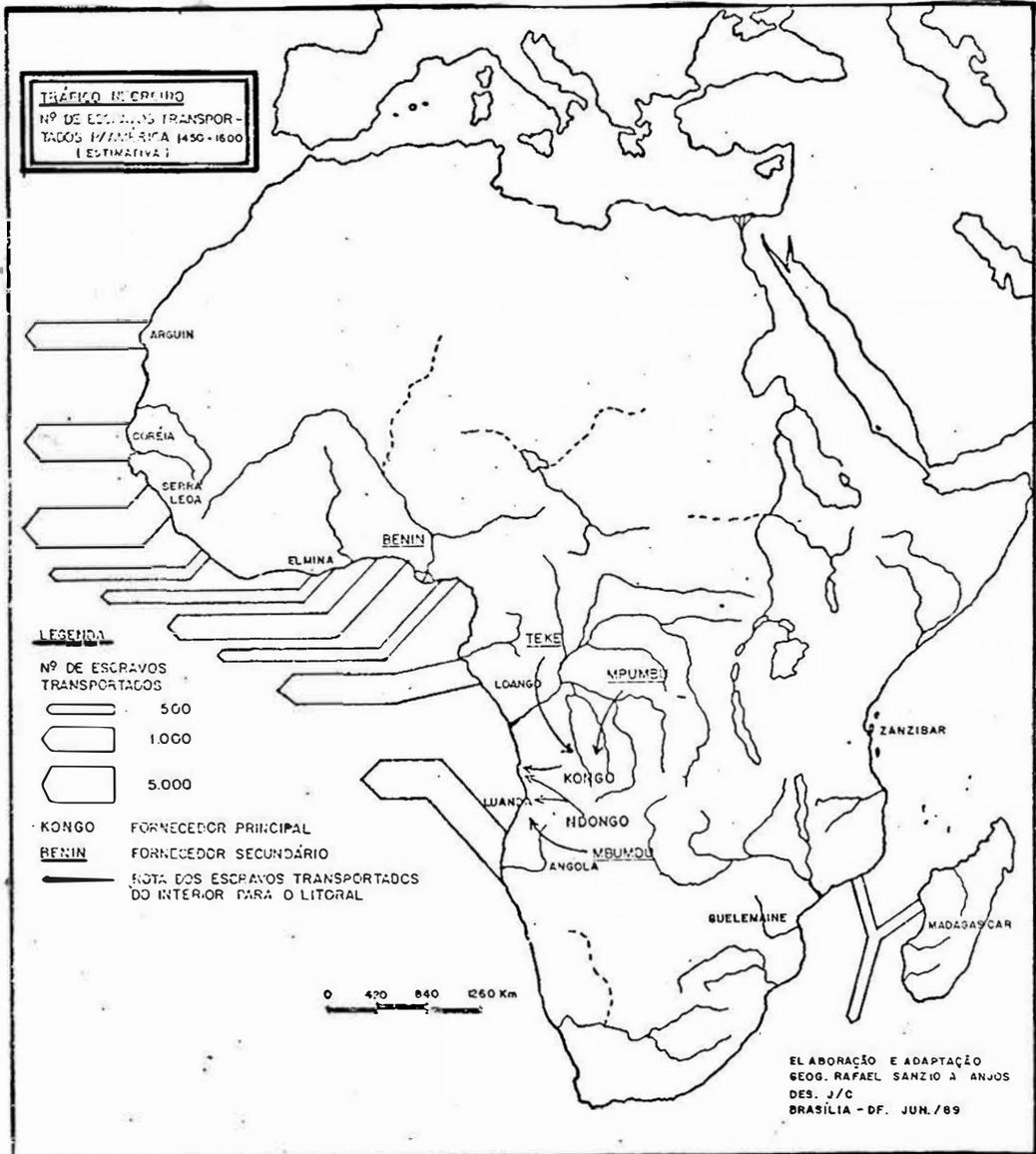
A barreira das condições ambientais e a resistência dos povos africanos à desestruturação de suas sociedades, vão impor gradientes no território atingido pela retirada de povos para serem escravizados. O tráfico de escravos da África para a América, foi durante mais de três séculos, uma das maiores e mais rendosas atividades dos negociantes europeus, a tal ponto de se tornar impossível precisar o número de africanos retirados de seu habitat, com sua bagagem cultural, a fim de serem, injustamente, incorporados às tarefas básicas para formação de uma nova realidade. Lutas sangrentas, violentas, situações completamente novas de deslocamentos e adaptações, morte e crueldade, tudo isso concorreu para os efeitos multiplicadores do grande negócio que foi o tráfico de escravos, tais como o crescimento da indústria naval, da indústria bélica, da agricultura, da mineração, da atividade financeira, fechando o ciclo da acumulação primitiva de capital.

Reconhece-se hoje que dentre os principais fatores que fizeram com que os povos europeus se voltassem para a África e a transformassem no maior reservatório de mão-de-obra escrava, jamais imaginado pelo homem, foi a tradição dos povos africanos de bons agricultores, ferreiros e mineradores, características não existentes nos índios da América, que, além de figurarem para o interior, foram defendidos pelas missões civilizadoras¹⁵. Outro fator que justificava para o europeu a substituição do índio pelo africano como escravo colonial, era que, trocando na África produtos manufaturados por homens cativos, e, na América, estes por mercadorias coloniais, as classes dominantes das metrópoles da Europa, apropriavam-se mais facilmente das riquezas aqui produzidas.

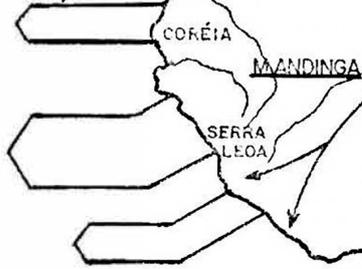
ÁFRICA

EXTENSÃO TERRITORIAL
DOS TRATADOS DE ESCRAVOS
E SUAS PRINCIPAIS ROTAS
INTERNAS - SÉC. XV a
XVIII.



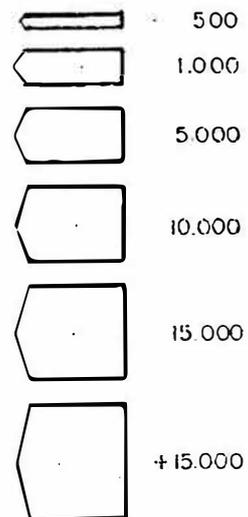


TRÁFICO NEGREIRO
 Nº DE ESCRAVOS TRANSPORTADOS P/ AMÉRICA, 1700 - 1800
 (ESTIMATIVA)



LEGENDA

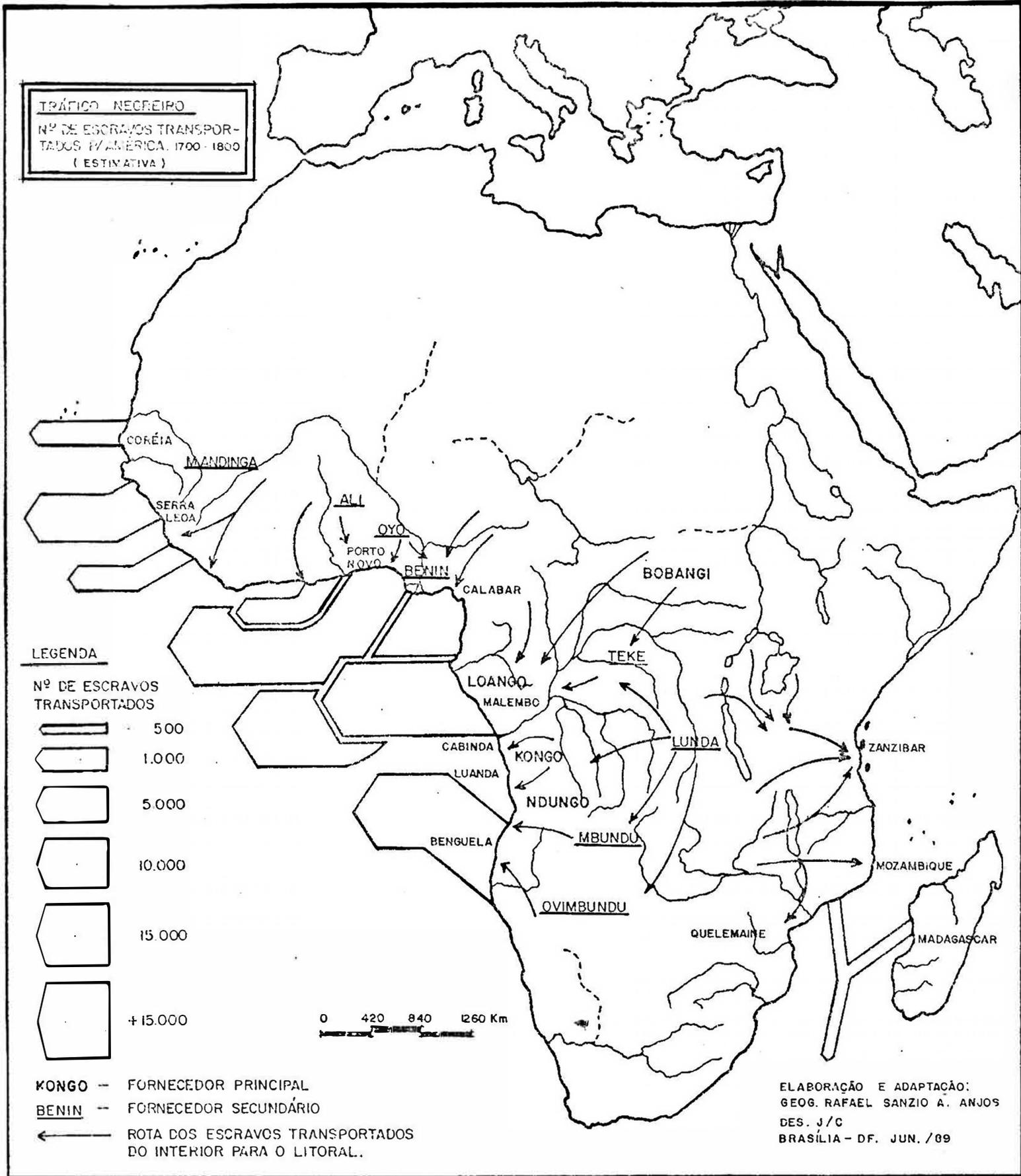
Nº DE ESCRAVOS TRANSPORTADOS



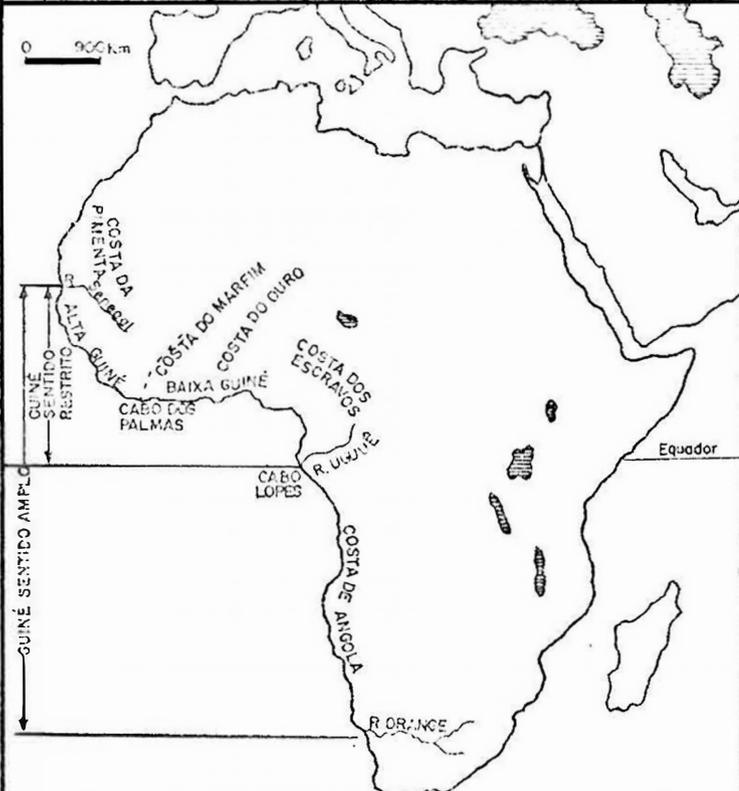
0 420 840 1260 Km

- KONGO** -- FORNECEDOR PRINCIPAL
- BENIN** -- FORNECEDOR SECUNDÁRIO
- ← ROTA DOS ESCRAVOS TRANSPORTADOS DO INTERIOR PARA O LITORAL.

ELABORAÇÃO E ADAPTAÇÃO:
 GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS
 DES. J/C
 BRASÍLIA - DF. JUN. / 09

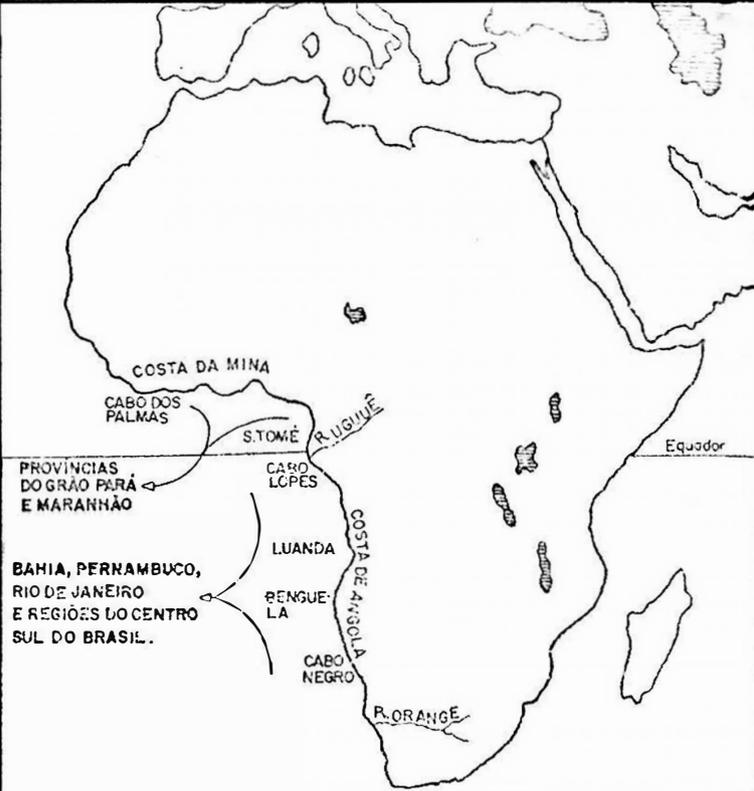


**TRÁFICO DE ESCRAVOS PARA O BRASIL
CICLO DA GUINÉ - SÉCULO XVI
REFERÊNCIAS TERRITORIAIS DE ORIGEM NA ÁFRICA**



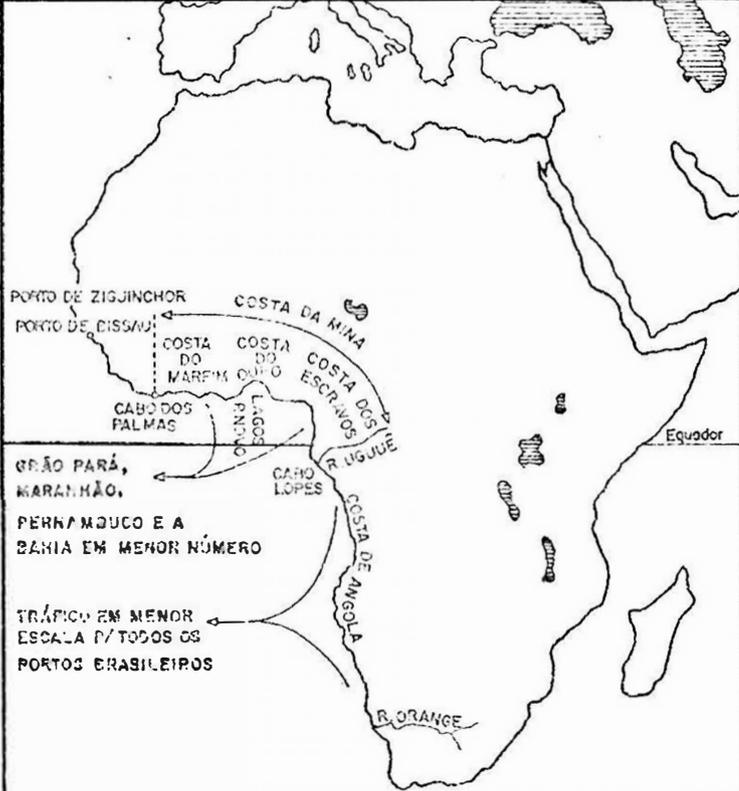
NOTA: AS "PEÇAS DA GUINÉ" (ESCRAVOS TRAZIDOS DA ALTA E BAIXA GUINÉ) VIERAM NESTE SÉCULO PRINCIPALMENTE PARA AS REGIÕES AÇUCAREIRAS DE PERNAMBUCO E BAHIA.

**TRÁFICO DE ESCRAVOS PARA O BRASIL
CICLO DO CONGO E ANGOLA - SÉCULO XVII
REFERÊNCIAS TERRITORIAIS DE ORIGEM NA ÁFRICA**



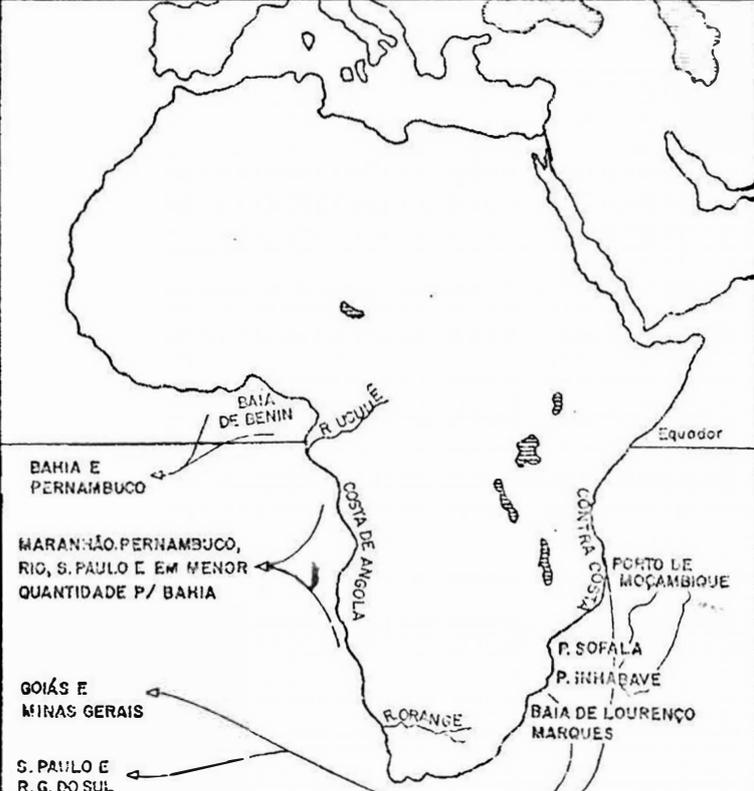
NOTA: OS ESCRAVOS TRAZIDOS DA "COSTA DE ANGOLA" ERAM TODOS MORTOS EM 1667 COM A EPIDEMIA DA VARIOLA EM ANGOLA. O TRÁFICO TRANSFERIU-SE TEMPORARIAMENTE PARA O GOLFO DA GUINÉ, REGIÃO QUE PASSOU A SER CONHECIDA POR "COSTA DA MINA".

**TRÁFICO DE ESCRAVOS PARA O BRASIL
CICLO DA COSTA DA MINA - SÉCULO XVIII
REFERÊNCIAS TERRITORIAIS DE ORIGEM NA ÁFRICA**



NOTA: O UJUIE ENROLADO DA BAHIA (E CLASSE MAIS DE ÓTIMO AROMA) ERA UM DOS PRINCIPAIS ARTIGOS DO COMÉRCIO DA COSTA DA MINA. OS NEGROS VINDOS DESTA COSTA ERAM SUDANÊS ISLAMIZADOS OU NÃO. A MAIORIA DOS NEGROS IORUBAS DA COSTA DOS ESCRAVOS FORAM PARA A BAHIA COM A DENOMINAÇÃO DE NAGÓS.

**TRÁFICO DE ESCRAVOS PARA O BRASIL
ÚLTIMA FASE - SÉCULO XIX
REFERÊNCIAS TERRITORIAIS DE ORIGEM NA ÁFRICA**



NOTA: A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX SE CARACTERIZOU PELOS VÁRIOS TRATADOS VISANDO ABOLIR O TRÁFICO NEGREIRO, O QUE NO BRASIL SÓ OCORREU EFETIVAMENTE EM 1850.

O tráfico negreiro importou, para diferentes locais da América, negros provenientes das mais diversas regiões da África. Segundo Maestri Filho (1984, p. 13) "o Brasil foi o país da América mais acabadamente escravista e o último a abolir a escravidão do continente". O jogo de trocas comerciais estabelecido, imprimiu relações precisas entre clientes e fornecedores dos dois lados do Atlântico e, estrategicamente a distribuição dos negros das diferentes "nações" africanas foram realizadas, indiscriminadamente, no território brasileiro.

A escravidão no Brasil tem peculiaridades substanciais em relação às demais regiões da América. A manutenção da estrutura escravista por quase quatro séculos distribuída no território brasileiro e, a quantidade de africanos importados até 1850, não devidamente quantificado, mostra como a sociedade escravista conseguiu estabilizar-se e desenvolver-se. Por outro lado, verifica-se, que a continuidade da importação de escravos conseguiu manter esse sistema por tantos séculos, através de mecanismos reguladores que substituíam o escravo morto ou inutilizado (média de vida se sete anos) por outro importado, sem que isso causasse desequilíbrios no custo das mercadorias por aquele produzidas.

Devemos ressaltar que foram as regiões geográficas do Brasil, de interesse econômico europeu, que detiveram o percentual mais significativo de escravos entre a população total. Os mapas do tráfico de escravos para o Brasil - referências territoriais de origem na África -, os quais abordam os vários ciclos ao longo dos séculos de tráfico, nos permitem ter uma noção da dinâmica demográfica produzida com o desembarque sucessivo de africanos escravizados de várias regiões africanas para o Brasil.

Os africanos não foram responsáveis somente pelo povoamento do território brasileiro e pela mão-de-obra escrava, eles marcaram, decisivamente, a nossa formação social pela herança cultural, que, ao longo dos séculos, foi preservada e recriada. Essa bagagem cultural, matriz mais importante da cultura popular brasileira, é frequentemente relegada pela ideologia dominante ao

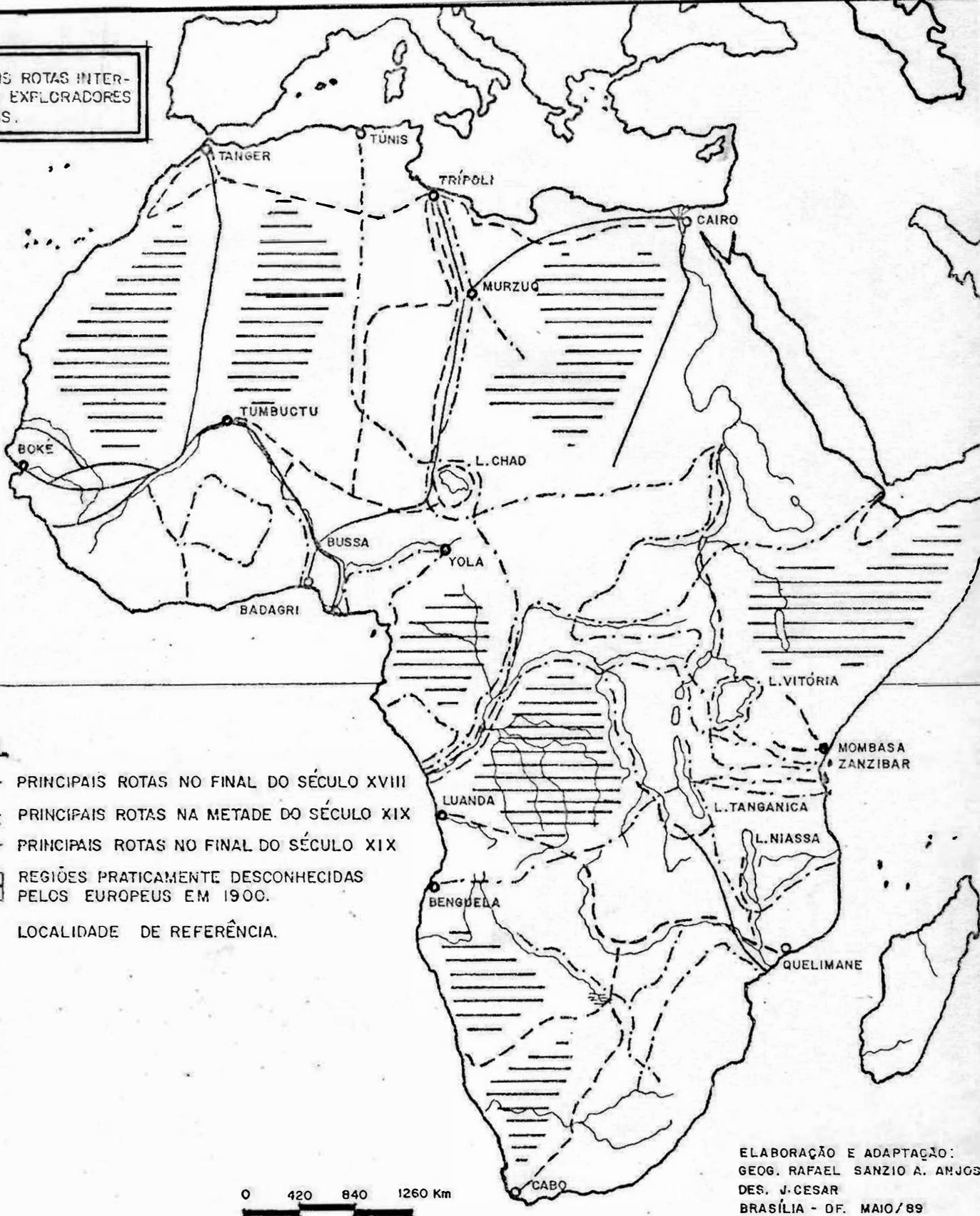
folclore. Os africanos e seus descendentes, também são os responsáveis pela adequação aos trópicos, da tecnologia pré-capitalista brasileira, como a mineração, medicina, nutrição e agricultura¹⁶.

Além dessas contribuições, os negros criaram várias formas de resistências, através de lutas urbanas e rurais, destacando-se os quilombos, movimentos antagônicos e paralelos ao poder escravocrata colonial, onde os africanos e seus descendentes assumiam o papel do povo, contra o ocupante estrangeiro explorador, o português.

Como resultado desse fenômeno, os africanos trazidos para o Brasil, sobretudo os que vieram para a Bahia, souberam conservar e transmitir a seus descendentes, costumes, hábitos alimentares e crenças religiosas de tal maneira que reconstituíram no Brasil um "ambiente africano". Não podemos perder de vista também, que o Brasil é o segundo país do mundo em população de origem negra, superado apenas pelo país africano da Nigéria.

ÁFRICA

PRINCIPAIS ROTAS INTERNAS DOS EXPLORADORES EUROPEUS.



EQUADOR

LEGENDA

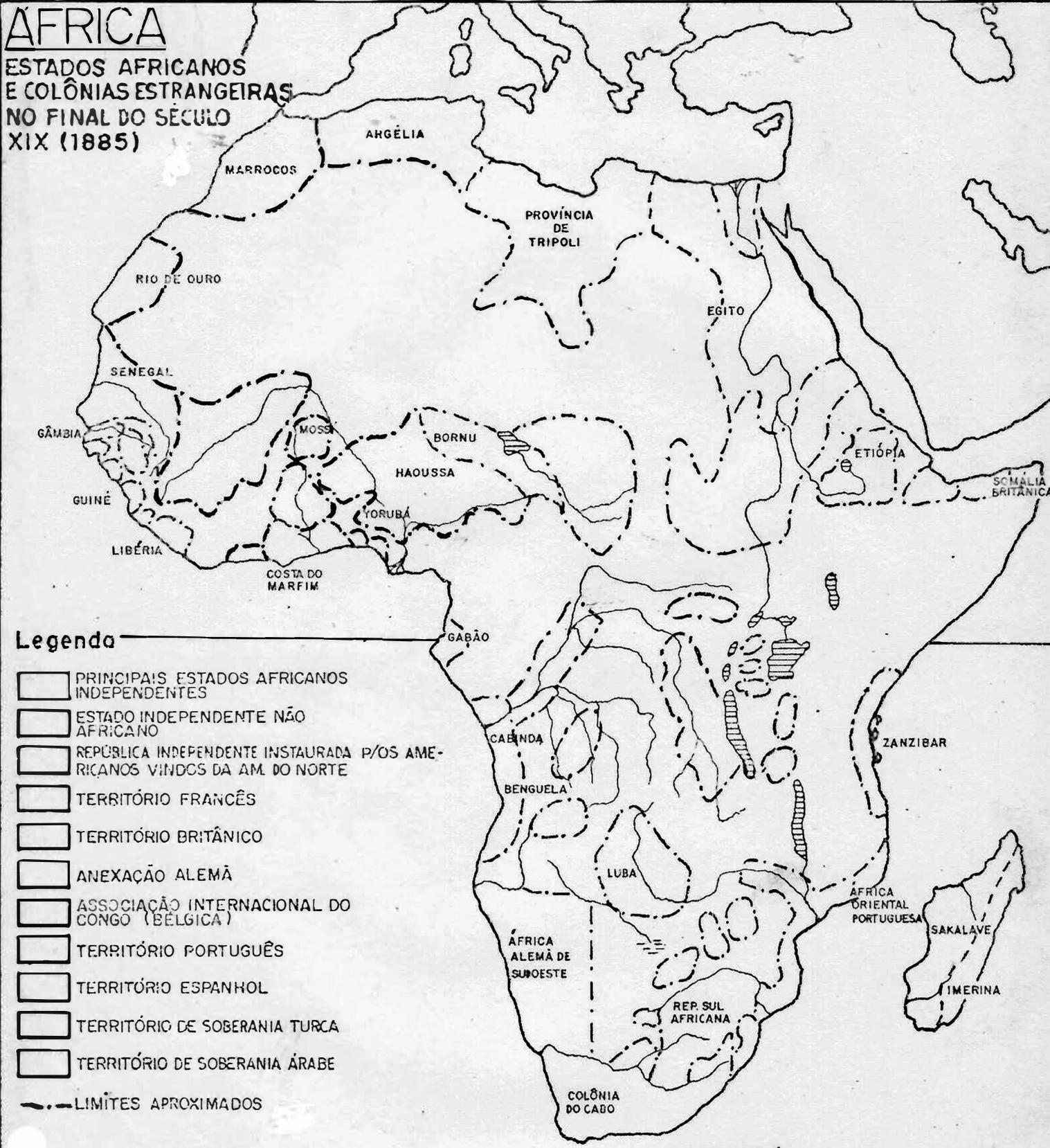
- PRINCIPAIS ROTAS NO FINAL DO SÉCULO XVIII
- - - - PRINCIPAIS ROTAS NA METADE DO SÉCULO XIX
- · · · PRINCIPAIS ROTAS NO FINAL DO SÉCULO XIX
- ▨ REGIÕES PRATICAMENTE DESCONHECIDAS PELOS EUROPEUS EM 1900.
- LOCALIDADE DE REFERÊNCIA.



ELABORAÇÃO E ADAPTAÇÃO:
 GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS
 DES. J. CESAR
 BRASÍLIA - DF. MAIO/89

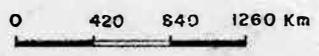
ÁFRICA

ESTADOS AFRICANOS E COLÔNIAS ESTRANGEIRAS NO FINAL DO SÉCULO XIX (1885)



Legenda

- PRINCIPAIS ESTADOS AFRICANOS INDEPENDENTES
- ESTADO INDEPENDENTE NÃO AFRICANO
- REPÚBLICA INDEPENDENTE INSTAURADA P/OS AMERICANOS VINDOS DA AM. DO NORTE
- TERRITÓRIO FRANCÊS
- TERRITÓRIO BRITÂNICO
- ANEXAÇÃO ALEMÃ
- ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DO CONGO (BÉLGICA)
- TERRITÓRIO PORTUGUÊS
- TERRITÓRIO ESPANHOL
- TERRITÓRIO DE SOBERANIA TURCA
- TERRITÓRIO DE SOBERANIA ÁRABE
- LIMITES APROXIMADOS



ELAB./ADAPTAÇÃO
 GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS
 DES. MAGNO CAVALCANTE • RAFAEL S.A. ANJOS, BRASÍLIA-DF
 DEZ/88

Durante três séculos, XVI, XVII e XVIII, praticamente não houve oposição na Europa ao tráfico de escravos. A Inglaterra, que mais tarde lideraria o abolicionismo no mundo, já iniciava uma campanha contra o comércio de escravos, ainda que discretamente. A acumulação primitiva de capital podia considerar encerrado seu ciclo, pelo menos neste país, onde este processo estava adiantado. Daí para frente, a própria exploração dos trabalhadores nas fábricas iria assumir o papel principal na reprodução do capital. Os capitalistas, cujo faturamento dependia da existência de um mercado de consumo para os bens industrializados, começam a ganhar hegemonia no trato das políticas governamentais, e dentre tantas bandeiras liberais, acabaram também por levantar a que pregava o fim do tráfico e, posteriormente, da própria escravatura.

A política abolicionista inglesa, depois incorporada nos meados do século XIX pelos franceses, holandeses, belgas e alemães, servia para mascarar um projeto político mais ambicioso e mais complexo: o domínio territorial da África e da Ásia. O capitalismo já começara a por de lado a mão-de-obra escrava da África, negócio rendoso em que o interesse europeu esteve orientado até o século XIX, embora continuasse desejoso de produtos básicos tropicais, como o cobre, manganês, borracha, cacau, amendoim e outras matérias-primas, sem as quais o capitalismo industrial não podia continuar se desenvolvendo. Na África, salvo algumas exceções (como a colônia do Cabo), os europeus não haviam se implantado efetivamente em parte alguma do continente até o século XIX. Era, dessa forma, um território aberto aos novos conquistadores, todos antiescravistas de fachada, mas nem por isso menos destruidores das sociedades e da cultura africana. Canêdo (1986, p. 4 e 5) ao abordar o problema do desrespeito dos interventores europeus nas sociedades colonizadas, adverte que "a atitude dos povos europeus contribuiu para transformar a dominação colonial na África e na Ásia, num dos fenômenos históricos de maior efeito traumático, principalmente no campo psicocultural".

A necessidade econômica de ampliar o fornecimento de matérias-primas para atender as nações insatisfeitas da Europa, o aumento do prestígio nacional e a busca de solução para o problema do crescimento demográfico europeu, eram os fatores principais para o movimento de ocupação do território africano no século XIX. A invasão sobre a África foi precedida pelos interesses religiosos, com o envio de missionários, e também científicos, permitindo a criação, em diversos países europeus, de sociedades geográficas para financiamento de expedições ao continente desconhecido, de penetração complicada, floresta densa e pouco favorável ao homem. Em 1844, Bismark, Ministro da Alemanha, país que chegou tardiamente para o desenvolvimento do capitalismo e, em consequência, chegara à África depois dos ingleses, portugueses, franceses, holandeses e belgas, promoveu uma conferência em Berlim, cujo principal objetivo era ajustar as diferenças internas do imperialismo para "dividir" o território africano. Burit (1987, p. 14), chama a atenção para o fato de que "foi a África, o continente que mais sofreu com a ação devastadora do imperialismo, dividindo sem que respeitasse a unidade lingüística e cultural de suas sociedades".

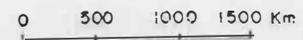
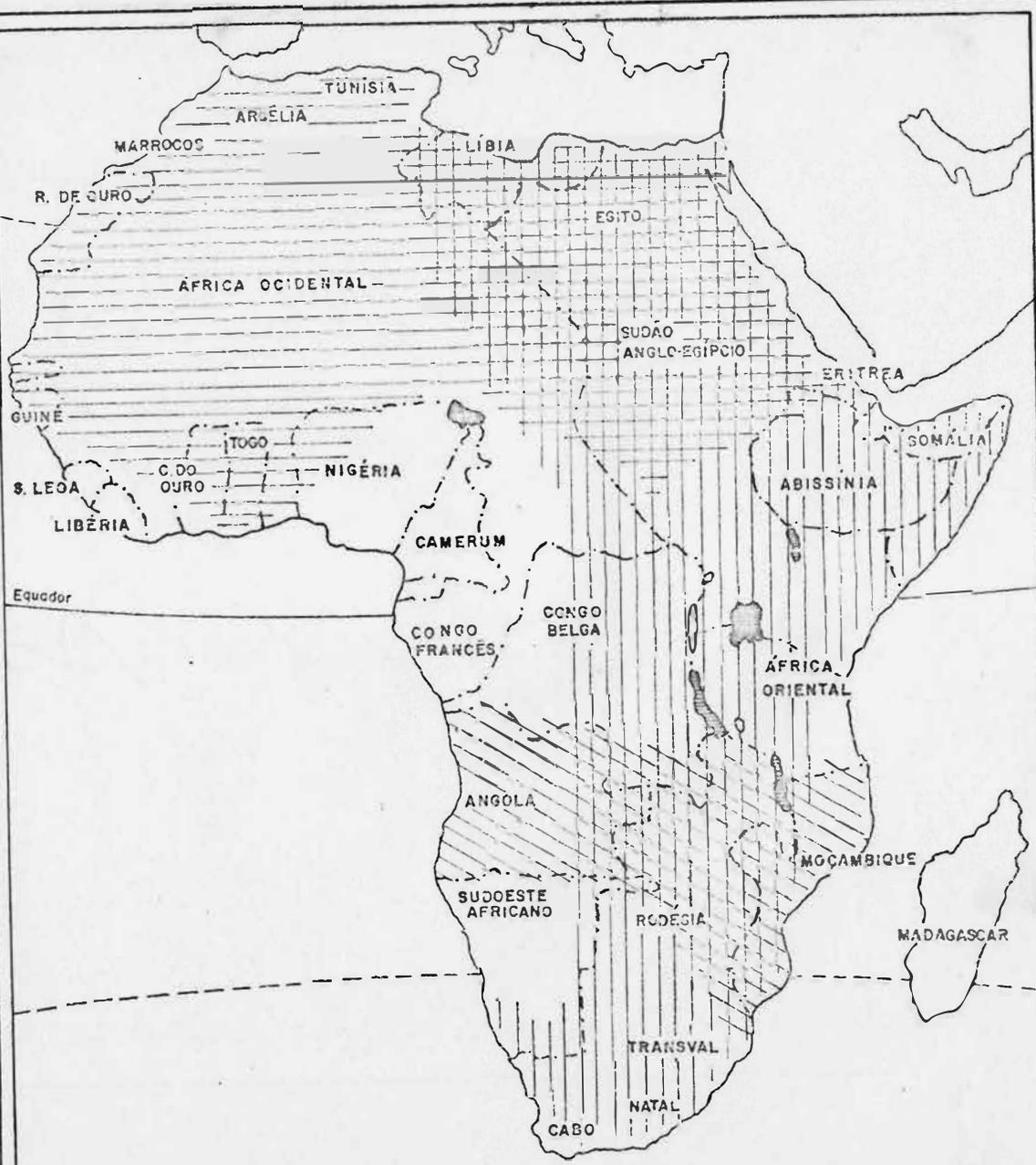
A intenção de domínio territorial dos ingleses, franceses e portugueses na África, eram muito pretenciosas e estratégicas, evidenciando-se áreas de conflito. A Inglaterra, pretendia dominar uma faixa de terras contínuas do norte ao sul do continente; a França por sua vez, "queria" o norte da África, do Oceano Atlântico ao Mar Vermelho, ficando, no final da partilha, com uma área de dominação, perto de 20 vezes a superfície da França. Portugal, a mais pobre nação imperialista, pretendia na África Austral se comunicar com os oceanos Atlântico e Índico, ligando a faixa territorial de Angola a Moçambique (vide mapa da partilha europeia no início do século XX). Estes e outros territórios com vários pretendentes, foram "apaziguados" na conferência de Berlim, concentrando-se a partir daí, os esforços para a exploração e a dominação efetiva. Dessa forma, vão tomar corpo os grandes investimentos mineiros e agrícolas, sob a responsabilidade das compa-

ÁFRICA PARTILHA EUROPEIA INÍCIO DO SÉCULO XX



LEGENDA

- COLÔNIA DA BÉLGICA
- COLÔNIAS DE PORTUGAL
- COLÔNIAS DA ALEMANHA
- COLÔNIAS DA ITÁLIA
- COLÔNIAS DA INGLATERRA
- COLÔNIAS DA ESPANHA
- COLÔNIAS DA FRANÇA
- ESTADOS INDEPENDENTES
- PRETENSÃO TERRITORIAL DA FRANÇA
- PRETENSÃO TERRITORIAL DA INGLATERRA
- PRETENSÃO TERRITORIAL DE PORTUGAL
- LIMITES APROXIMADOS



ELAB. RAFAEL SANZIO A DOS ANJOS
DES. MAGNO CAVALCANTE - BRASÍLIA, DF/1983

nhas concessionárias. A livre iniciativa do grande capital passava a ser a tônica da dominação, representada pela intensificação do trabalho forçado em toda a África. Como diz Canêdo (1986, p. 14) "a partir de então, a África deixou, definitivamente, de ser fornecedora de escravos. E o africano ganhou o privilégio de ser explorado na sua própria terra".

A expansão do capitalismo através da colonização e posteriormente do imperialismo, trouxe profundas transformações para as sociedades africanas. A desestruturação da agricultura tradicional, a privatização da terra (não existente na maioria do território africano), assim como o trabalho assalariado e o processo de urbanização, foram fatores que criaram as condições para o surgimento de novos estratos sociais.

Crítérios éticos introduzidos na África pelos europeus, criaram distinções entre dominadores e dominados. Estes mesmos critérios tornaram-se os argumentos básicos dos colonizados para contestar a dominação. As universidades criadas no território africano ajudaram a difundir um ensino que acabou revelando a importância e a maneira como se organizavam no passado as sociedades colonizadas, conduzindo a minoria privilegiada a se interrogar sobre a falta de liberdade, oportunidade, educação e saúde para a população dominada¹⁷. Quando estas contradições vieram à tona, o sentimento revolucionário, mesmo um pouco tarde, nasceu e os povos africanos recorreram ao nacionalismo, deixando surgir um novo elemento no cenário político: o estado nacional. Canêdo (1986, p. 30) ao abordar as transformações sociais nas sociedades colonizadas, chama a atenção para o fato de que "foi o colonizado urbano africano de certo nível social e cultural, que mais se resentiu com os efeitos do traumatismo colonial, pois tinha condições de perceber, com consciência, o fenômeno colonial e os métodos de dominação do colonizador".

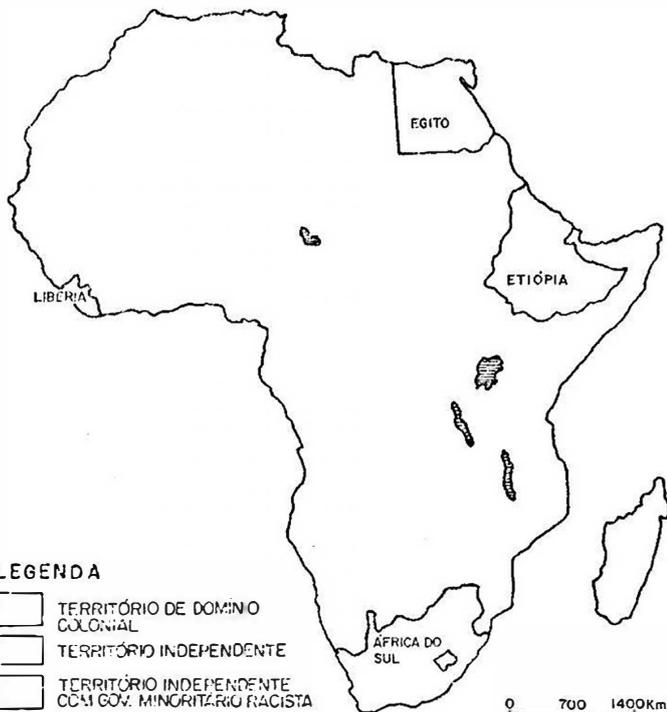
Os estudiosos da descolonização colocam que as primeiras resistências à colonização foram processadas com maiores ou menores dificuldades, conforme o nível de organização polí

tica das diversas regiões. O progresso dos movimentos nacionalistas no território africano se dá após a Segunda Grande Guerra, principalmente na região do Magrheb, no norte da África, onde os movimentos nacionalistas estavam mais efetivos e coerentes, com o apoio dos países emergentes da Ásia. Mas, é na década de 60 que os novos estados africanos obtêm expressão no cenário mundial. No ano de 1960, conhecido como "o ano da África", dezessete países conseguiram sua independência política (vide mapas da descolonização).

A Segunda Grande Guerra além de provocar, de fato, a ruptura dos elos da colonização, evidenciou a divisão do mundo em dois blocos político-econômico-militares: o bloco socialista, liderado pela União Soviética, e o bloco dos países industrializados, liderado pelos Estados Unidos. Neste contexto foi formulada a "teoria dos três mundos", segundo a qual o primeiro mundo seria formado pelas duas superpotências, o segundo seria os outros países industrializados, enquanto todos os demais formariam o terceiro mundo¹⁸. O conceito de terceiro mundo, que não traz implícito uma especificação de quais possam ser os outros dois mundos, é, normalmente, usado para fazer referência aos países que se encontram marginalizados no sistema internacional.

ÁFRICA

DESCOLONIZAÇÃO
1900 - 49

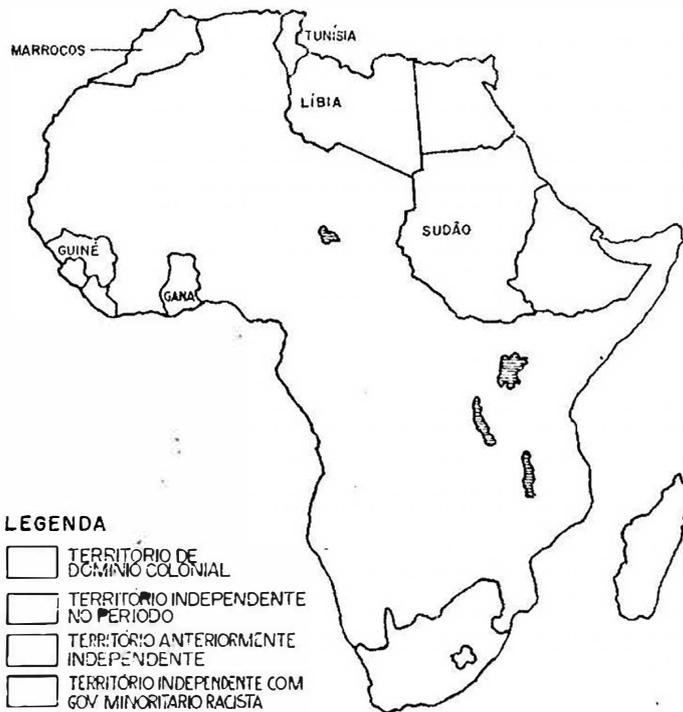


LEGENDA

- TERRITÓRIO DE DOMÍNIO COLONIAL
- TERRITÓRIO INDEPENDENTE
- TERRITÓRIO INDEPENDENTE COM GOV. MINORITÁRIO RACISTA

ÁFRICA

DESCOLONIZAÇÃO
1950 - 59



LEGENDA

- TERRITÓRIO DE DOMÍNIO COLONIAL
- TERRITÓRIO INDEPENDENTE NO PERÍODO
- TERRITÓRIO ANTERIORMENTE INDEPENDENTE
- TERRITÓRIO INDEPENDENTE COM GOV. MINORITÁRIO RACISTA

ÁFRICA

DESCOLONIZAÇÃO
1960 - 69



LEGENDA

- TERRITÓRIO DE DOMÍNIO COLONIAL
- TERRITÓRIO INDEPENDENTE NO PERÍODO
- TERRITÓRIO ANTERIORMENTE INDEPENDENTE
- TERRITÓRIO INDEPENDENTE COM GOV. MINORITÁRIO RACISTA

ÁFRICA

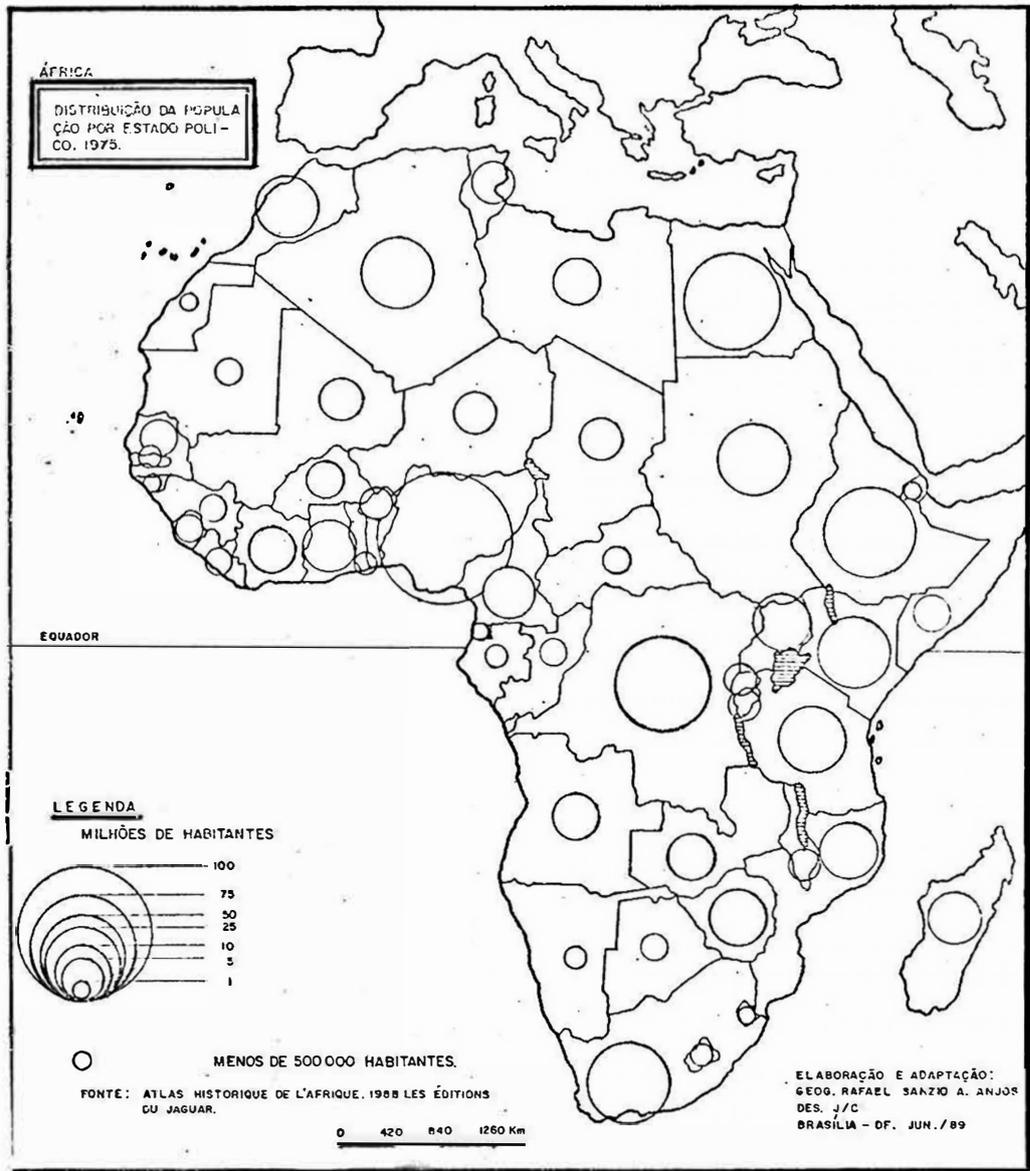
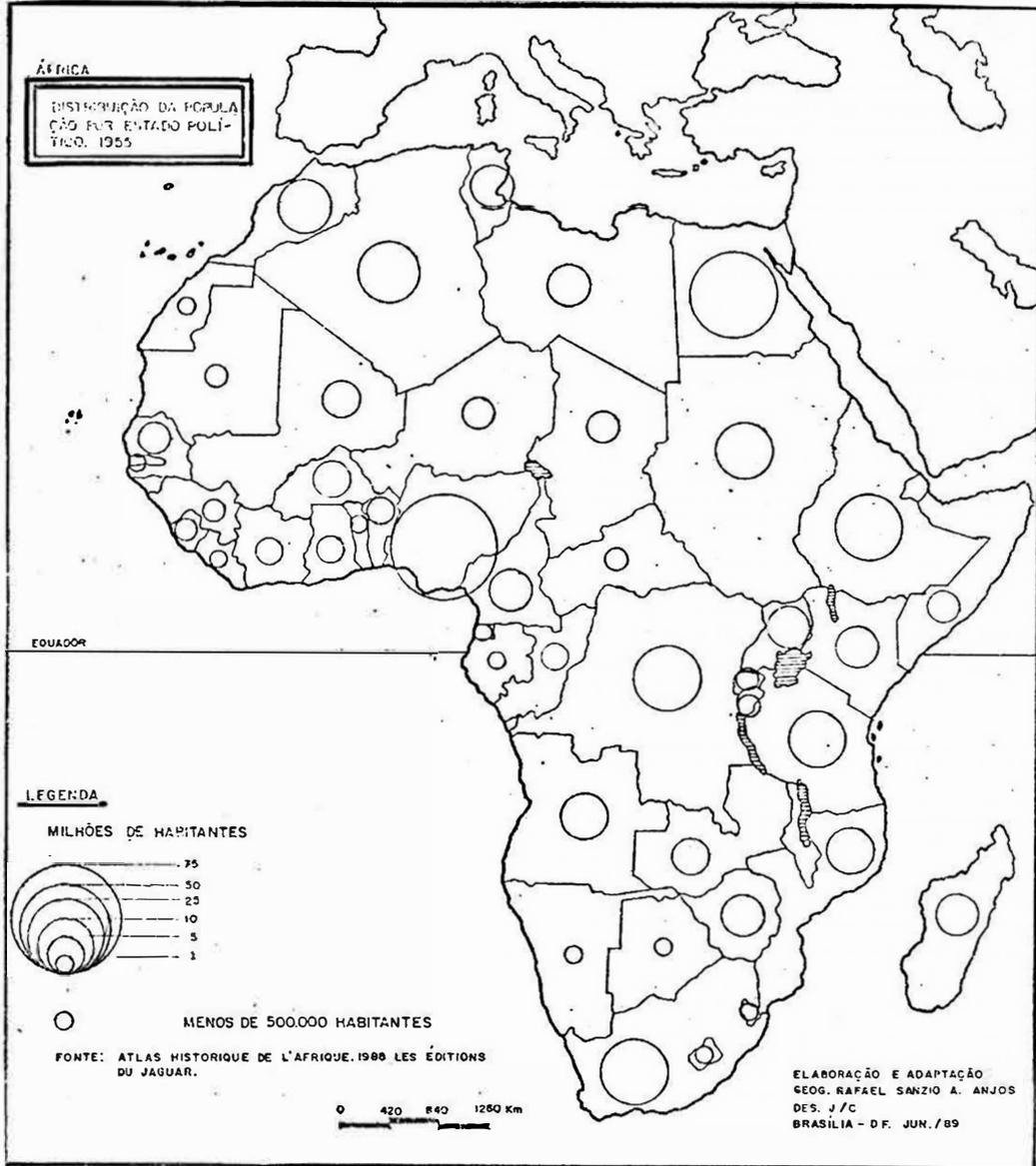
DESCOLONIZAÇÃO
1970 - 79

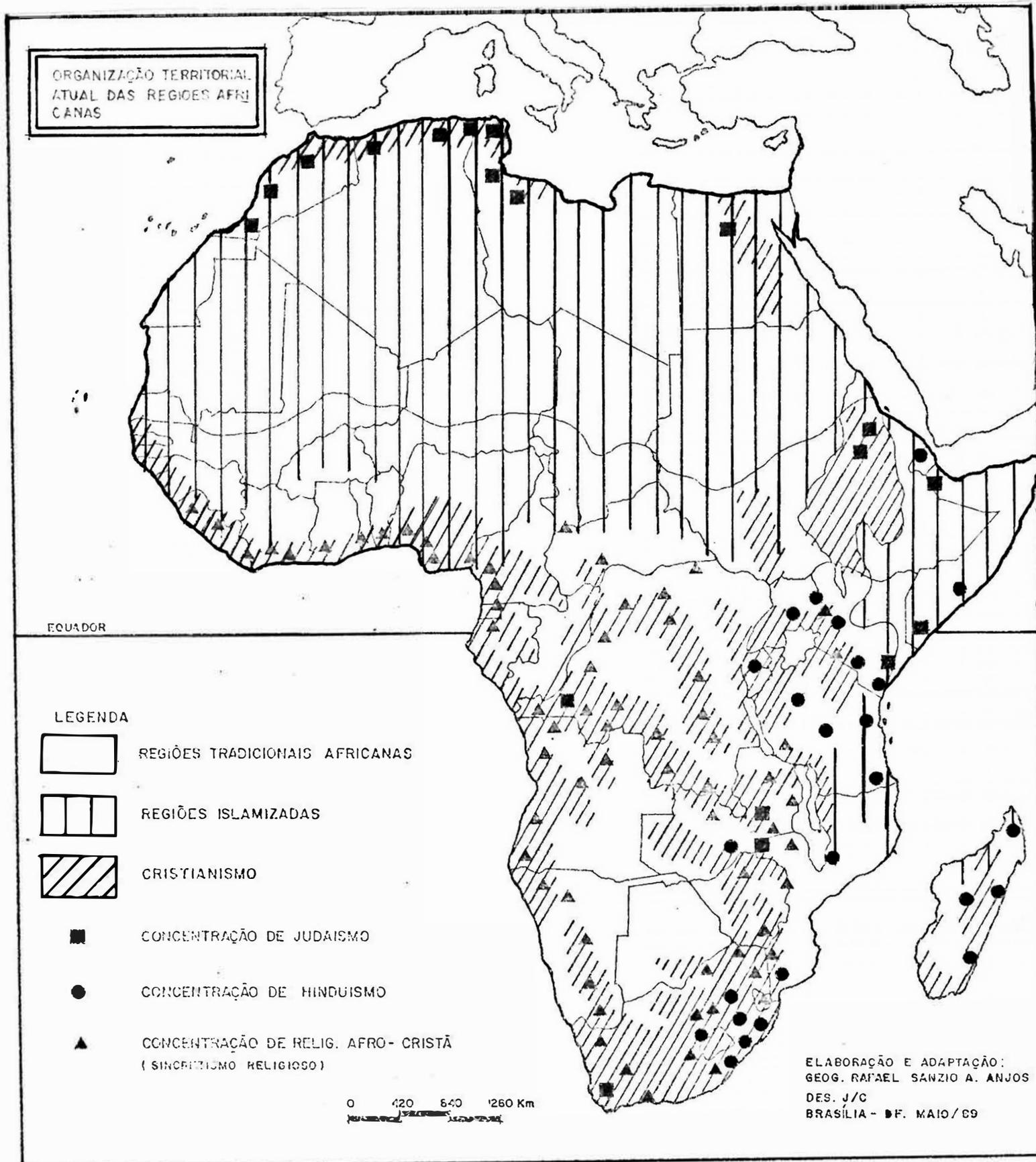


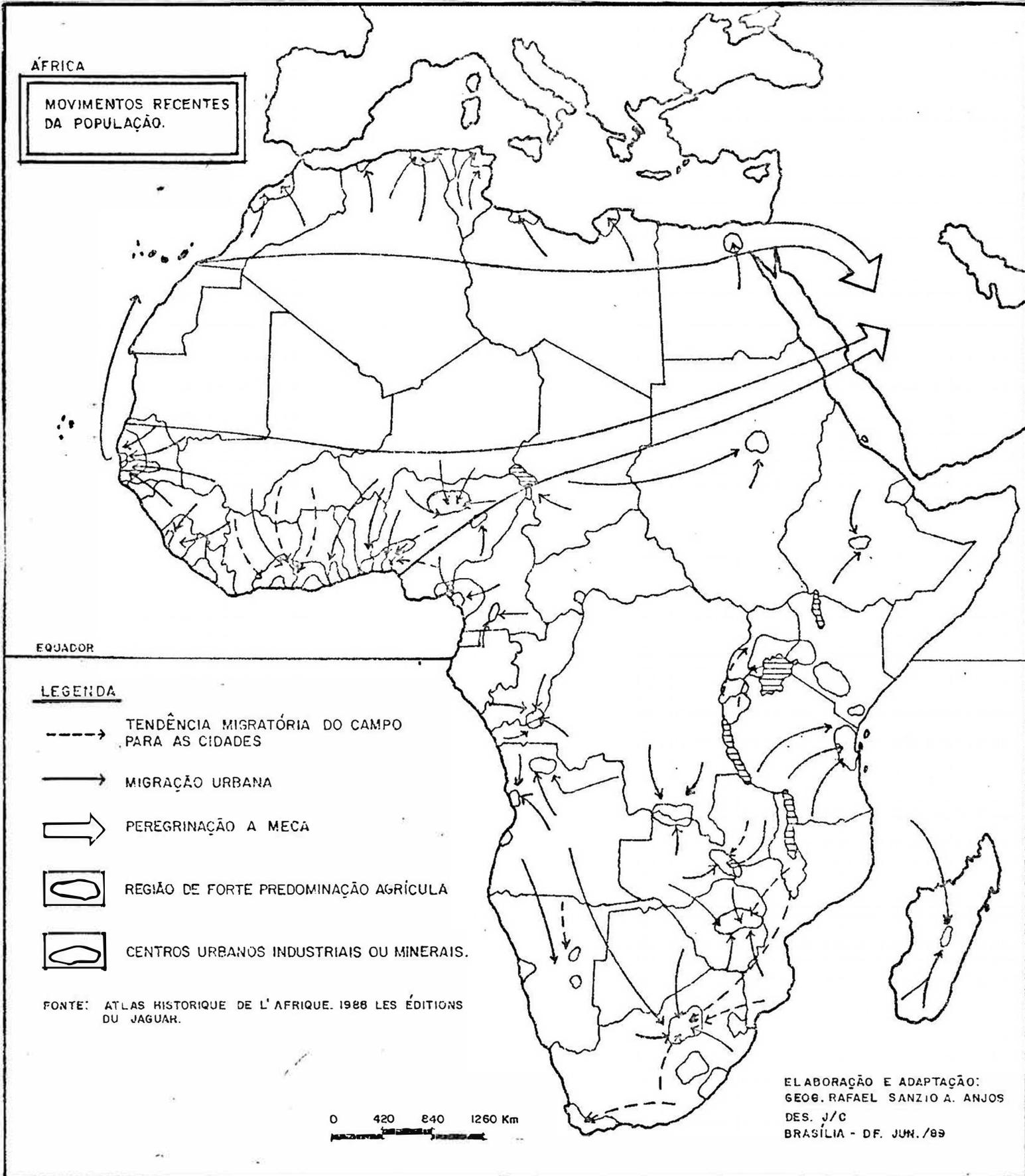
LEGENDA

- TERRITÓRIO DE DOMÍNIO COLONIAL
- TERRITÓRIO INDEPENDENTE NO PERÍODO
- TERRITÓRIO ANTERIORMENTE INDEPENDENTE
- TERRITÓRIO INDEPENDENTE COM GOV. MINORITÁRIO RACISTA

ELAB. GRUPO RAFAEL SANZIOA, DOS ANOS 60'S. MAPA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA



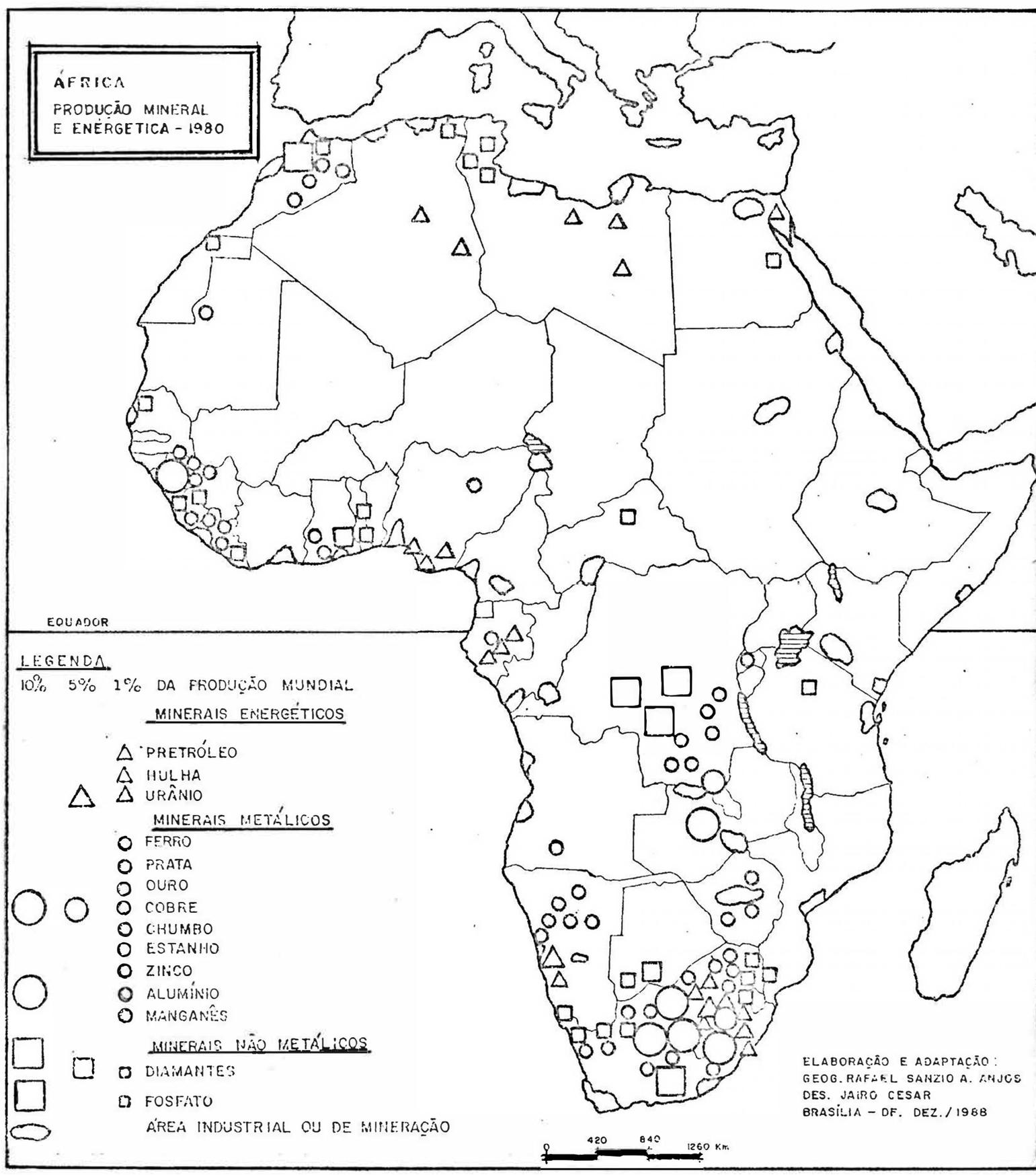




A ordenação da economia mundial construída nos últimos dois séculos, não mudou substancialmente. A exploração continua em maior ou menor grau, em quase todos os países do chamado "terceiro mundo", que não conseguiram consolidar sua soberania política com uma verdadeira independência econômica. Após quase trinta anos de independência política da maior parte dos países do continente, a África ainda tem como principais problemas aqueles herdados do colonialismo, onde as diferentes formas de organização dos estados não conseguiram alterar significativamente os seus aparrelhos e permanecem atrelados ao jogo neocolonial. Muitos dos conflitos de herança colonial que ainda não foram rompidos, permanecem, principalmente, pela insistência do "apartheid", nome que os brancos sul-africanos deram ao violento sistema de supremacia racial, e das lutas de autodeterminação de estados como a Namíbia, na África Austral, e do Saara, próximo à região do Maghreb (Argélia, Líbia, Marrocos, Mauritânia e Tunísia).

As independências de Angola e Moçambique, e posteriormente do Zimbaque, ainda estão num processo de consolidação do poder, contestada pela presença de guerrilha e invasões sul-africanos em Angola, por pressões no território do Moçambique, e, no Zimbaque, devido ao processo de transição por que passa. No entanto, o conflito principal da África Austral está localizado na Namíbia, uma ex-colônia alemã que a África do Sul ocupou com armas militares durante a Primeira Grande Guerra, e anexou, efetivamente, a partir da Segunda. Esse território, do ambiente desértico, adquiriu importância com a descoberta de ricas jazidas de minerais de interesse estratégico e militar. A Namíbia, com 90% de sua população negra, produz o que não consome e importa tudo o que precisa, especialmente alimentos.

A abundância de recursos minerais do território africano, é, sem dúvida, a questão estrutural dos conflitos políticos, uma vez que a África detém mais de 90% dos diamantes do mundo não comunista e 60% do ouro do mundo ocidental, dados que podem ter alteração pelas recentes notícias das reservas de ouro



do Brasil. A África detém, ainda, 30% do alumínio do mundo e 35% do zinco do ocidente, além de considerável reserva de minério de ferro, urânio e carvão. Na Zâmbia e no Zaire, encontram-se as maiores reservas de cobre do mundo. O Marrocos possui perto de 50% dos depósitos de fosfato. A Nigéria e a Líbia são grandes exportadores mundiais de minérios também.

Observando o mapa da produção mineral e energética africana do início da década de 80, a produção margeia quase toda a faixa norte e ocidental do litoral, concentrando-se, de maneira significativa, na África Austral, sobretudo na África do Sul e na Namíbia, configurando-se um quadro fundamental para compreendermos a resistência do "Apartheid" e a persistência da África do Sul em ocupar, ilegalmente, a Namíbia.

Outro ponto de conflito da herança colonial é a batalha político-diplomática do povo do antigo Saara Espanhol. O reconhecimento da República Árabe Saharaui Democrática, tem se configurado como um movimento de libertação de forte base social, vivendo em estado de guerra permanente com as forças conservadoras¹⁹. A descoberta, na década de 70, de fosfato, ferro, petróleo, gás natural e urânio, junto com a riqueza pesqueira do litoral, tem dado um novo interesse econômico ao território. O conflito político com o Marrocos, que reivindica a soberania sobre o Saara, é a questão mais grave desta região da África do Norte.

A intervenção cubana em Angola, em 1975, ajudando a desarticular a invasão sul-africana e zairense neste território, assim como a intervenção cubano-soviética, em 1977, na Etiópia contra a invasão da Somália, fizeram com que a África não ficasse sob a influência, praticamente, exclusiva do ocidente. Configurando-se uma guerra fria na África, que se tornou palco das duas superpotências.

Dentre os principais entraves que dificultam a construção nos estados africanos de uma sociedade sob uma tensão política e exploração econômica minorada, está o sistema do "apartheid" da África do Sul, que expressa não só uma segregação racial institucionalizada, mas um mecanismo local de domínio e manutenção de domínio e manutenção de formas de acumulação primitiva com repercussões em vários pontos do território africano. Os reforços que a luta contra o racismo tem recebido com as pressões internacionais e a ampliação da frente interna contra o regime, apontam dias contados para esse sistema.

ÁFRICA

CONFLITOS POLÍTICOS/ TERRITORIAIS



LEGENDA

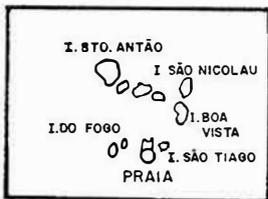
-  TERRITÓRIO EM TENSÃO
-  TERRITÓRIO EM CRISE AGUDA
-  INCIDENTE DE FRONTEIRA
-  TERRITÓRIO OCUPADO ILEGALMENTE PELA ÁFRICA DO SUL
-  TERRITÓRIO INVADIDO PELO MARROCOS
-  FAÍSES DA "LINHA DE FRENTE"
-  BASE MILITAR AMERICANA
-  BASE MILITAR FRANCÊSA
-  BASE MILITAR BRITÂNICA

0 500 1000 1500 km



PRESENÇA MARCANTE DA LÍNGUA PORTUGUESA EM PAÍSES AFRICANOS

CABO VERDE



GUINÉ - BISSAU



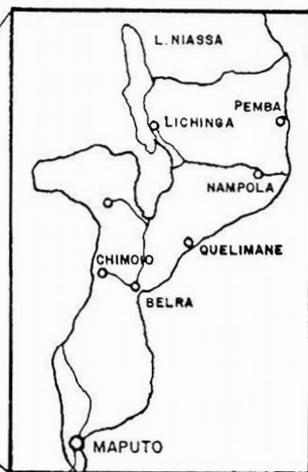
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



ANGOLA



MOÇAMBIQUE



ELABORAÇÃO: GEOG. RAFAEL SANZIO A. ANJOS.
DES. JAIRO - BRASÍLIA JUL/69

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conteúdos apresentados nos mapas desse trabalho não são imutáveis ou definitivos, esses não constituem transcrições gráficas de realidades históricas sócio ou físico-espaciais, mas uma interpretação dessas realidades. Cada mapa, portanto, abre a possibilidade a um aprofundamento. Quando ocorre uma zona ou espaço vazio num mapa temático, isto não significa que nada não se passou, mas sim que, não estamos documentados a respeito.

Este documento apresenta 40 mapas temáticos elaborados no Projeto, sendo a sua maioria está composto de mapas históricos que fornecem uma interpretação visual de acontecimentos e processo históricos. Podemos distinguir duas grandes categorias de mapas históricos: os mapas "evolutivos", que apresentam um mesmo território em períodos diferentes e os mapas "dinâmicos", que indicam processos com deslocamentos representados graficamente por flexas, linhas contínuas ou pontilhadas e isocromática.

Os mapas evolutivos possuem limitações. Assim, as modificações registradas neste tipo de documento cartográfico, podem ser mais aparente do que real, pelo fato de que nos estamos melhor informados sobre o depois do que o antes. Alguns processos como o das migrações e das expansões territoriais, são mais fáceis de serem representados do que outros, como, por exemplo, os das grandes modificações políticas no seio de um estado ou região. Os mapas dinâmicos geralmente são mais indicativos e não descritivos de uma informação.

Os mapas quantitativos, caracterizados pela representação gráfica de dados estatísticos no território, podem ser demonstrativos numa primeira olhada (por exemplo, os mapas da Distribuição da População por Estados Políticos 1955 e 1975) ou com tratamento mais complexo da informação, que demandam uma maior atenção para interpretá-los. Este tipo de mapa se mostra limitado pelo seu caráter fragmentário e pela incerteza das estatísticas sobre os quais ele se fundamenta. As fontes estatísticas, geralmente

não anunciam explicitamente seus critérios, se tornando difícil não correr o risco de errar no tratamento e manuseio das fontes estatísticas para fins de mapeamento.

Os propósitos desse trabalho visam não só demonstrar a eficiência dos métodos gráficos como instrumento tanto de pesquisa como de comunicação, mas principalmente juntar-se ao esforço de inúmeros pesquisadores que tentam contribuir para a discussão de uma política educacional no Brasil, onde a questão racial seja tratada com mais seriedade. Este busca também, uma melhor interpretação de alguns processos históricos e geopolíticos que contribuíram para a formação do povo brasileiro.

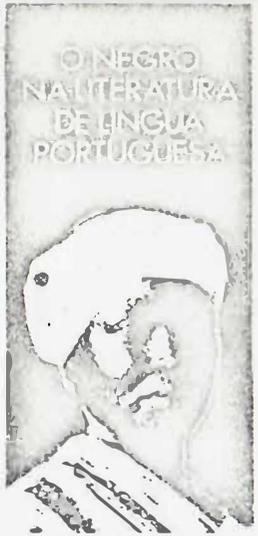
N O T A S

- (1) O Projeto Retratos da África - "Uma Abordagem Cartográfica" é de autoria do Prof. Rafael Sanzio, em desenvolvimento desde dezembro/87 sob os auspícios do CNPq.
- (2) Ver Le Sann, J.G. Documento Cartográfico: Considerações Gerais. Revista Geografia E Ensino. Ano 1 - Nº 3, Belo Horizonte - MG. 1983, p. 9.
- (3) Segundo A Teoria de Wegener (1912), conhecida também como Deriva Continental, os atuais continentes provêm de uma grande e única massa de terra emersa que foi se desagregando gradativamente ao longo do tempo geológico, até a configuração atual.
- (4) Pesquisas recentes sobre paleontologia na região do atual Saara africano, publicado na revista inglesa Nature/novembro-87, comprova a existência de savana no período Holoceno, entre 9.500 e 4.500 anos passados.
- (5) Ver revista Superinteressante nº 7 Ano 2 julho - 1988, p. 8, e o Grande Atlas Mundial - Editora Globo. 2ª Edição, 1988, p. 124 e 125.
- (6) Ver o Grande Vale da África - Editora Cidade Cultural Ltda. 1984, p. 132 e 133.
- (7) Fase cultural da pré-história. A pré-história inicia com o aparecimento do homem na terra e termina com o aparecimento dos primeiros documentos escritos. Este é um conceito clássico, formal e linear bastante questionável.
- (8) Ver Giordani, M.C. História da África anterior aos descobrimentos - Idade Moderna I. Petrópolis. Vozes - 1985 p. 36.

- (9) A melhoria alimentar estaria ligada à introdução, na África, do inhame e da banana procedentes do sudeste asiático.
- (10) O termo "povos", aqui utilizado, constitui massas de migrantes sem território delimitado.
- (11) Ver Giordani, M.C. História da África anterior aos descobrimento. 1985 pág. 95.
- (12) Inclui os atuais Zaire, Angola e Congo e também em seus extremos o Gabão e a Zâmbia.
- (13) Ver Guia do Terceiro Mundo 86. p. 125.
- (14) Ver Adas, M. Estudos de Geografia - São Paulo. Editora Moderna. 1981. p. 114 e 115.
- (15) Ver Almanaque Abril 88, ano XIV, p. 170.
- (16) Ver Cadernos Cândido Mendes - Estudos Afro-Asiáticos. N.ºs.6-7. Rio de Janeiro - 1982, p. 216 e 217.
- (17) Ver Canedo, L.B. "A Descolonização da Ásia e da África" 1986, p. 10.
- (18) Ver Guia do Terceiro Mundo 86, p. 6 e 7.
- (19) Ver Saraiva, J.F.S. Formação da África Contemporânea, 1987- p. 50.

ATIVIDADES DIVULGADORAS DO PROJETO

1. Apresentação do Projeto no I Encontro de Escritores de países de língua portuguesa - O Negro na Literatura de Língua Portuguesa. Salvador-BA. de 21 a 25 de novembro de 1988.
2. "Mostra" dos produtos cartográficos do Projeto no Hall de entrada da Biblioteca Central da UnB. Brasília-DF. de 3 a 15 de abril de 1989.
3. Artigo encaminhado à Revista Humanidades - Editora da UnB. Brasília-DF. programado para publicação em novembro de 1989.



1º ENCONTRO DE ESCRITORES DE PAÍSES DE LINGUA PORTUGUESA

Certificado

Certifico que o Sr. (a).....RAFAEL S. ARAÚJO DOS ANJOS.....
participou do 1º Encontro de Escritores de Países de Língua Portuguesa, realizado no período de 21 a 25 de novembro de 1988, nesta capital.

Salvador, 25 de novembro de 1988.

Secretário da Cultura/Presidente

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE INTERCÂMBIO E AÇÕES REGIONALIZADAS
DIVISÃO DE INTERCÂMBIO E PROMOÇÃO CULTURAL

A T E S T A D O

ATESTO QUE O SR. RAFAEL S. ARAÚJO DOS ANJOS, APRESENTOU O TRABALHO "A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM GRÁFICA NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO - O EXEMPLO DA GEOGRAFIA DA ÁFRICA", NO "I ENCONTRO DE ESCRITORES DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA" NO PERÍODO DE 21 A 25 DE NOVEMBRO DE 1988, NESTA CAPITAL.

SALVADOR, 20 DE FEVEREIRO DE 1989.


Jussara Maria de Souza Reis
DIRETORA
Divisão de Intercâmbio e Promoção Cultural
SEC - Ba.



DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que Rafael Sanzio A. Anjos, professor desta Universidade de Brasília, elaborou a exposição "PROJETO RETRATOS DA ÁFRICA: UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA" nesta Biblioteca Central, no período de 3 a 15 de abril do corrente ano.

Brasília, 18 de julho de 1989.

M/mgradim
Maria Josefa Martins Gradim
Serviço de Auxílio ao Usuário/BCE



C. EDU-PER Nº

Brasília, 29 de agosto

de 1989

Ilmo Professor

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Referência: A Utilização dos Recursos da Cartografia Conduzida para
uma África Desmitificada

Prezado(a) Senhor(a):

A Edição da Revista *Humanidades* tem a satisfação de acusar o recebimento, nesta data, do artigo em referência encaminhado por V.S^a.

Tão logo sejam cumpridas as etapas de avaliação do seu trabalho, que será submetido a dois especialistas, voltaremos a procurá-lo com os resultados. Não podemos determinar um prazo para esta resposta, mas ela se dará o mais breve possível.

Agradecendo sua iniciativa, apresentamos nossos cumprimentos.

Atenciosamente,



Ailton Lugarinho Lima Camara

Editor executivo

RH - 180/89

Brasília, 19 de outubro

de 19 89

Ilmº Sr.

RAFAEL SANZIO ARAÚJO DOS ANJOS

Departamento de Geografia - UnB

Referência: "A Historiografia Africana e a Imagem Cartográfica: a busca de um diálogo interdisciplinar"

Prezado(a) Senhor(a):

A Edição da Revista *Humanidades* tem a satisfação de informá-lo de que o artigo em referência, encaminhado por Vossa Senhoria, foi aprovado para publicação na edição de nº 22.

Aproveitamos esta oportunidade para anexar uma Ficha de Cadastro de Colaborador, que deve ser preenchida e devolvida o mais rápido possível.

Em caso de dúvida, entraremos em contato com Vossa Senhoria via correspondência posterior, ou telefone.

Agradecemos sua colaboração, apresentamos nossos cumprimentos.

Cordialmente,



Airton Lugarinho Lima Camara

Editor executivo